

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS DO PONTAL

PEDRO HENRIQUE MARANI AMARAL

A PRAÇA E A CIDADE: um estudo sobre as praças centrais em Orllândia - SP

Ituiutaba

2023

PEDRO HENRIQUE MARANI AMARAL

**A PRAÇA E A CIDADE: um estudo sobre as praças centrais em Orllândia -
SP**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Ciências Humanas do Pontal da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel e Licenciado em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Roberto Loboda

Ituiutaba - MG

2023

PEDRO HENRIQUE MARANI AMARAL

**A PRAÇA E A CIDADE: um estudo sobre as praças centrais em
Orlândia - SP**

Trabalho de Conclusão de Curso ao Instituto de Ciências Humanas do Pontal da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel e Licenciatura em Geografia.

Ituiutaba, 20 de janeiro de 2023.

Prof. Dr. Carlos Roberto Loboda - ICHPO/UFU (Orientador)

Prof. Dr. Vitor Koiti Miyazaki - ICHPO/UFU (Membro)

Me. Lucas Alves Pereira (Membro)

Dedico este trabalho ao meu pai, Ademilson Amaral (in memoriam).
Sonho em um dia me tornar pelo menos metade da pessoa que você foi.

AGRADECIMENTOS

Em tudo que fazemos temos de ser gratos, experienciar a vida é uma dádiva, uma oportunidade única que nos agracia ao nascermos e que se renova em cada aurora. Então deixo aqui, primeiramente, meus agradecimentos a cada momento vivido que me fez chegar até aqui, todos foram preciosos em minha jornada.

Agradeço à Universidade Federal de Uberlândia, por proporcionar cinco anos de aprendizados e experiências. Principalmente o Campus Pontal, com seu caráter singularmente acolhedor. Devo à UFU a experiência mais enriquecedora de minha vida até o presente momento.

Aos meus colegas de turma, agradeço pelos debates em sala de aula, que geraram conhecimentos valiosos para minha formação pessoal e profissional, além disso, agradeço pelos momentos descontraídos fora de sala. Em especial, agradeço à Luiz Felipe e João Victor, que além de colegas de turma, se tornaram verdadeiros amigos, cuja amizade é um dos maiores prêmios que tive na graduação.

Também agradeço aos meus amigos de Orlândia, pelos momentos descontraídos nas praças da cidade. Em especial, agradeço ao José Nelson, que sempre se mostrou disposto a ajudar na elaboração de algumas partes técnicas e tecnológicas do meu trabalho, além de ser um grande companheiro.

Aos professores do curso de Geografia Campus Pontal, vocês foram de suma importância para eu me tornar a pessoa que sou hoje, vocês serviram inspiração, me fazendo querer trilhar os mesmos caminhos que trilharam para quem sabe um dia me tornar um de vocês. Também agradeço por despertarem meu amor pela geografia, ciência maravilhosa que me encanta a cada dia.

Ao meu orientador, Carlos Roberto Loboda, agradeço pela disposição, pela atenção destinada ao meu trabalho, pela paciência e por me apresentar possibilidades e caminhos para seguir em minhas pesquisas, desejo que nossa caminhada não pare por aqui e agradeço imensamente por sua orientação.

Agradeço pelo ambiente de estudos maravilhoso proporcionado pelo Observatório das Cidades, os computadores, os livros e o silêncio foram essenciais para que este trabalho fosse finalizado.

Deixo também meu agradecimento à Tânia, funcionária da Prefeitura de Orlândia, que agilizou minha consulta às plantas das praças. Sem você meu processo com certeza seria mais árduo.

Principalmente, agradeço à minha família: Meu irmão João, pelos anos iniciais em Ituiutaba, por servir de inspiração como pessoa e como acadêmico e por toda atenção e ajuda destinada a mim. Aos meus tios, por sempre se mostrarem dispostos a fazer de tudo para que eu “criasse prumo”, em especial ao meu Tio Ernâni, que abriu caminhos para o acesso à algumas documentações citadas neste trabalho.

Ainda mais especialmente, gostaria de agradecer à minha mãe, Dona Nilza, e à minha avó, outra Dona Nilza. Vocês são as mulheres da minha vida! Mãe, obrigado por tudo que fez por mim, por toda dedicação e esforço, sei que moveria o mundo por mim e quero que saiba

que eu também o moveria por você. Vó, obrigado por cuidar de mim, saiba que o fato de lembrar de você, da sua história e de sua alegria me fez continuar seguindo em frente quando mais precisei.

À minha namorada, Tatiele, agradeço por cada momento ao seu lado e por todo apoio fornecido, das questões pessoais às técnicas. Ter você ao meu lado foi primordial para que eu conseguisse seguir em frente, sobretudo na reta final, obrigado por não soltar a minha mão nos momentos difíceis, por me levantar quando caí e por me fazer enxergar que sempre havia uma saída, sem sua presença não sei se conseguiria chegar até o fim. A nós, desejo mais caminhos para seguir e mais comemorações que estão por vir.

Aos não citados aqui, desejo que se sintam acolhidos nestes agradecimentos. Cada pessoa que passou no meu caminho nos últimos cinco anos contribuiu para que eu conseguisse finalizar este ciclo, cada boa ação, cada momento compartilhado moldou o Pedro Henrique que finaliza esta etapa. Muito obrigado!

RESUMO

As praças são os espaços públicos mais notórios de toda história das nossas cidades visto que na maioria dos casos as aglomerações urbanas começaram a se expandir a partir destes espaços. Porém, ao observar a atual situação das praças nota-se o descaso e/ou a mudança nos usos que são feitos delas devido aos novos padrões de vida em sociedade. Entretanto, as praças nas pequenas cidades, sobretudo aquelas localizadas nas áreas centrais, ainda exercem funções importantes para a vida social urbana. Sendo assim, objetivou-se nesta pesquisa analisar os usos que são feitos nas três praças centrais da cidade de Orlandia-SP, com enfoques específicos na caracterização de tais usos com relação aos sujeitos, as faixas etárias, dias e horários de uso, além da avaliação dos mobiliários presentes em tais locais. Para tal abordagem adotou-se o a estratégia de análise do espaço geográfico proposta por Milton Santos (1985), consistindo em quatro categorias analíticas: forma, função, estrutura e processo. Além disso, foram aplicadas um montante de 75 enquetes de opinião com os usuários das praças, agregando a opinião dos usuários às nossas análises. A partir disso foi possível propor intervenções a serem realizadas em tais espaços para aprimorar os usos que são feitos e/ou incrementar novas atividades. Por fim, após a análise, entendeu-se que as praças centrais na cidade de Orlandia representam espaços valiosos para as práticas socioespaciais, contrariando a tendência de abandono dos espaços públicos que se verifica na contemporaneidade.

Palavras-chave: Praças; Espaços Públicos; Pequena Cidade, Orlandia-SP.

ABSTRACT

Squares are the most notorious public spaces in the entire history of Brazilian cities since, in most cases, urban agglomerations have escaped expanding from these spaces. However, when observing the current situation of the squares, one notices the neglect and/or change in the uses that are made of them due to the new standards of life in a society that we have today. However, squares in small towns, especially those located in central areas, still play important roles in urban social life. Therefore, the objective of this monograph was to analyze the uses that are made in the three central squares of the city of Orlandia-SP, with specific approaches in the characterization of such uses concerning the subjects, age groups, days and times of use, in addition to the evaluation of the furniture presented in such squares. For such an evaluation, the standard geographical space analysis method by Milton Santos (1985) was adopted, consisting of four analytical categories: form, function, structure and process. In addition, a total of 75 opinion consultations were carried out with users of the squares, adding the opinion of visitors to our analyses. From this, it was possible to propose interventions to be carried out in such spaces to improve the uses that are made and/or increase new activities. Finally, after the interpretation, it was understood that the central squares in the city of Orlandia represent valuable spaces for socio-spatial practices, contrary to the trend of abandonment of public spaces that is verified today.

Keywords: Squares; Public spaces; Small town; Orlandia-SP.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa de localização do município de Orlandia-SP.....	38
Figura 2 - Mapa de localização da malha urbana de Orlandia com destaque para as praças públicas centrais	40
Figura 3 – Visão parcial da Praça Mario Furtado	41
Figura 4 - Praça Coronel Orlando	42
Figura 5 - Praça Coronel Orlando em 1931	43
Figura 6 – Visão parcial da Praça São José.....	44
Figura 7 - Qualidade dos mobiliários da Praça Mario Furtado	46
Figura 8 - Bebedouro desativado na Praça Mario Furtado.....	47
Figura 9 - Bancos expostos na Praça Mario Furtado.....	48
Figura 10 - Fonte da Praça Mario Furtado	48
Figura 11 - Caminhos e mobiliários para iluminação da Praça Mario Furtado.....	50
Figura 12 - Sombreamento proporcionado por árvores na Praça Mario Furtado	51
Figura 13 - Qualidade dos mobiliários da Praça Coronel Orlando	52
Figura 14 - Bancos com condições de uso prejudicadas	53
Figura 15 - Ponto de ônibus em dia chuvoso na Praça Coronel.....	54
Figura 16 - Qualidade dos Caminhos e iluminação na Praça Coronel Orlando.....	55
Figura 17 - Sombreamento proporcionado pela vegetação na Praça Coronel Orlando.....	56
Figura 18 - Qualidade dos mobiliários na Praça São José.....	57
Figura 19 - Estacionamento dentro da Praça São José.....	58
Figura 20 - Contraste luminoso na Praça São José	59
Figura 21 - Qualidade dos mobiliários de iluminação e caminhos na Praça São José.....	60
Figura 22 - Sombreamento proporcionado pela vegetação na Praça São José.....	61
Figura 23 - Proposta de intervenção na Praça Mario Furtado	71
Figura 24 - Proposta de intervenção na Praça Coronel Orlando	73
Figura 25 - Proposta de intervenção na Praça São José	74

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Símbolos dos equipamentos ou estruturas das praças	18
Quadro 2 – Dias de observação e aplicação das enquetes de opinião nas praças.	20
Quadro 3 - Evolução das praças brasileiras	30
Quadro 4 – Região Geográfica Imediata de Orlândia – São Joaquim da Barra: principais características socioeconômica dos municípios, 2021.	37

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Faixa etária dos usuários	62
Gráfico 2 - Percentuais relativos ao gênero dos usuários	63
Gráfico 3 - Escolaridade dos usuários	63
Gráfico 4 - Praças mais frequentadas	64
Gráfico 5 - Frequência de uso das praças	64
Gráfico 6 - Frequência de usos distribuídos nos diferentes dias da semana	65
Gráfico 7 - Frequência de usos de acordo com o período do dia	66
Gráfico 8 - Tempo de permanência médio dos usuários nas praças	66
Gráfico 9 - Principais motivações para uso das praças	67
Gráfico 10 - Mobiliários e equipamentos presentes nas praças públicas que mais agradam os usuários	68
Gráfico 11 - Mobiliários e equipamentos apontados como passíveis de melhoria ou implementação	69

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
<u>1. DOS OBJETIVOS À DEFINIÇÃO DOS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</u>	14
1.1.1 OBJETIVO GERAL	14
1.1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	14
1.2 PROCEDIMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS PARA A PESQUISA	14
<u>2. AS PRAÇAS PÚBLICAS NA PEQUENA CIDADE: UMA CENTRALIDADE AMPLIADA...</u>	22
2.1 ÁREA CENTRAL E CENTRALIDADE.....	22
2.2 SOBRE OS ESPAÇOS PÚBLICOS	24
2.3 SOBRE AS PRAÇAS PÚBLICAS	27
2.3.1 EVOLUÇÃO DAS PRAÇAS BRASILEIRAS	30
2.4 FORMA, FUNÇÃO, ESTRUTURA E PROCESSO COMO CATEGORIAS ANALÍTICAS DAS PRAÇAS PÚBLICAS	33
<u>3. APRESENTAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO.....</u>	37
3.1 PRAÇA MÁRIO FURTADO	40
3.2 PRAÇA CORONEL ORLANDO	41
3.3 PRAÇA SÃO JOSÉ	43
<u>4. OS MOBILIÁRIOS DA PRAÇA E OS USOS: UMA ANÁLISE GERAL.....</u>	45
4.1 PRAÇA MARIO FURTADO	45
4.2 PRAÇA CORONEL ORLANDO	52
4.3 PRAÇA SÃO JOSÉ	57
<u>5. DANDO VOZ ÀQUELES QUE USAM O ESPAÇO PÚBLICO.....</u>	62
<u>6. PARA REFLETIR: COMO REAVIVAR AS PRAÇAS PÚBLICAS E IMPEDIR SEU FENECIMENTO?.....</u>	70
6.1 PROPOSTAS DE INTERVENÇÃO	70
<u>CONSIDERAÇÕES FINAIS</u>	76
<u>REFERÊNCIAS</u>	76
<u>APÊNDICE I</u>	79

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa é o resultado do estudo realizado na cidade de Orlandia-SP, a partir da qual se realizou uma análise das praças localizadas em sua área central, considerando que estas sempre foram espaços de sociabilidade, mas que ao longo do tempo, vem passando por modificações em seus usos e em suas formas físicas devido às mudanças sociais e econômicas que atuam sobre as cidades brasileiras contemporâneas.

É evidente que tanto o espaço urbano quanto suas dinâmicas internas vão se modificando ao longo do tempo, conseqüentemente provocando materializações distintas conforme as apropriações que são feitas, destruindo, criando e recriando formas e funções. Dessa maneira, fica evidente a relação entre os sujeitos sociais e as formas físicas, no caso das praças os mobiliários presentes em seu interior, por isso debruçamo-nos a entender os impactos de cada um deles nos usos cotidianos das praças centrais de uma pequena cidade paulista, pois estas conseguem atrair a população de toda a cidade.

É preciso também compreender a importância de cada um dos espaços dessa cidade, sobretudo os públicos localizados na área central, pois estes se desenvolveram lado a lado com a construção da urbe, modificando-se e adaptando-se para acolher a população e seus anseios. O que se verifica hoje em dia é que estas praças ao mesmo tempo em que asseguram o legado de tempos passados, com atividades e formas antigas, assumem novos usos correspondentes às demandas da atual sociedade.

A vida pública e democrática urbana está muito relacionada com o uso das praças, sobretudo em casos como o nosso, por se tratar de uma cidade de pequeno porte. Estes espaços, caso deixassem de existir ou seus mobiliários estivessem altamente mal conservados, representariam uma perda tremenda para o cotidiano urbano. Por isso objetivamos nesta pesquisa analisar a atual situação das praças públicas centrais, tanto em suas estruturas, quanto em seus usos, a fim de verificar se estes espaços ainda contribuem para a sociabilidade pública na cidade.

Portanto, a presente pesquisa foi motivada pela importância que as praças públicas têm no espaço urbano, sendo um importante local de sociabilidade e que merece ser debatida politicamente, socialmente e academicamente. Além disso, pretendemos com este estudo

contribuir com dados relevantes para que o poder público possa se embasar futuramente e intervir positivamente neste espaço público.

1. DOS OBJETIVOS À DEFINIÇÃO DOS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

1.1.1 Objetivo Geral

Como objetivo principal da pesquisa buscou-se analisar as praças públicas centrais de Orllândia – SP através de seus mobiliários e suas práticas socioespaciais cotidianas.

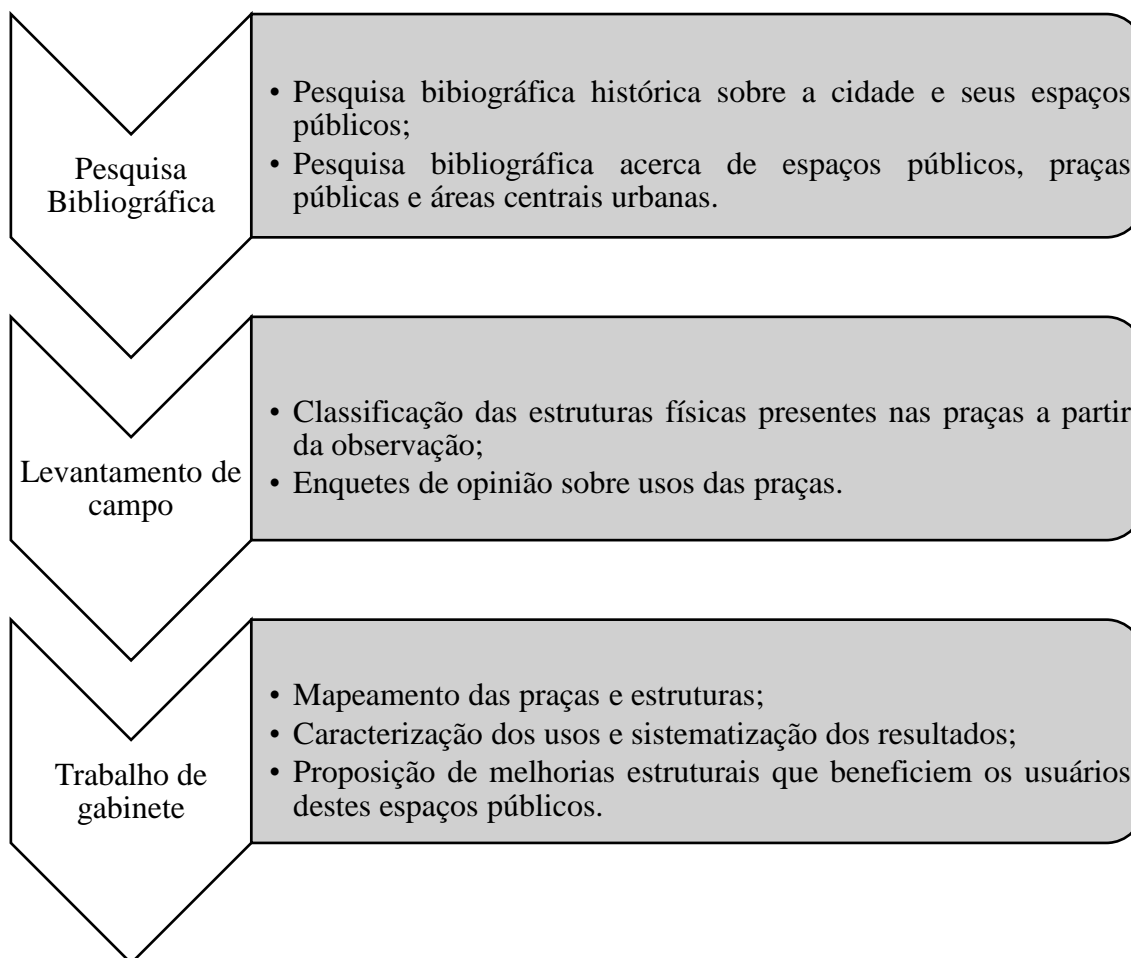
1.1.2 Objetivos Específicos

- Verificar e avaliar os mobiliários das praças centrais da cidade de Orllândia – SP;
- Caracterizar os usos destes locais, quem faz, como faz, quando faz e por que o faz?
- Identificar os fatores que favorecem e que desfavorecem os usos destes locais;
- Propor possíveis melhorias a serem realizadas nas praças públicas centrais, buscando aprimorar a qualidade destes espaços e otimizar sua função enquanto espaço público.

1.2 PROCEDIMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS PARA A PESQUISA

A metodologia utilizada para a análise e caracterização de cada praça pública central na cidade de Orllândia consistiu em: pesquisa bibliográfica, levantamento de campo e trabalho de gabinete. O fluxograma 01 apresenta a organização da metodologia adotada no processo de desenvolvimento da pesquisa:

Fluxograma 01 – Organização da metodologia de estudo



Organização: Amaral (2022)

Para a realização da primeira etapa foi feito o levantamento bibliográfico de teses, dissertações, livros, artigos, revistas, jornais e artigos científicos na internet relacionados com as temáticas: a) áreas centrais e centralidade b) espaços públicos; c) praças públicas. Além de pesquisas que trabalharam com objetivos similares ao nosso, tanto em recortes espaciais quanto em metodologias, como é o caso de Ré *et al* (2016) e Depollo (2020).

Na primeira temática fizemos uso das considerações de referências como Corrêa (1989) e Villaça (2001), entendendo que a área central, sobretudo nas pequenas cidades, é o local mais dinâmico da cidade, mais antigo e onde se catalisam a maioria das atividades sociais, econômicas e culturais.

Se tratando dos espaços públicos, baseamo-nos em referências como Gomes (2014), Loboda (2008) e Serpa (2007), possibilitando a compreensão de que os espaços públicos são os lugares ideais para o encontro e a socialização da coletividade urbana, servindo como espaço de ação política e simbólica ao mesmo tempo, portanto este vem sendo cada vez mais

subutilizado pelos cidadãos, criando-se questionamentos sobre seus atuais propósitos dentro da estrutura da cidade.

Para a teorização das praças públicas utilizamos as concepções de Robba e Macedo (2003), Bovo (2009) e Ribeiro (2008), recapitulando historicamente o surgimento daquilo que hoje entendemos por praça, com base na *Ágora Grega*, passando pelo *Fórum Romano*, pelas praças medievais e renascentistas e chegando na perspectiva da evolução destes espaços no Brasil, desde seu período colonial até o período contemporâneo. Dessa forma, podemos constatar que as praças passaram por distintas formas e funções ao longo da história, de acordo com os modelos socioeconômicos e diferentes experiências que a sociedade acumulou na relação com esses espaços ao longo do tempo.

Enfim, mesmo que de forma geral, são referências importantes para nossa abordagem das praças na cidade contemporânea, pois se trata de espaços plurais, podendo ser destinados ao lazer, ao convívio social, ao embelezamento, à qualidade ambiental, como pontos comerciais, entre outras funcionalidades.

Também foi realizado o levantamento bibliográfico acerca da cidade de Orlandia, sua história, o desenvolvimento de seu espaço urbano e de seus espaços públicos, sobretudo aqueles localizados nas áreas centrais. Este levantamento não só considerou teses, dissertações e demais trabalhos científicos que tratem sobre o município, mas também em livros e registros históricos que possam ser encontrados em bancos de dados e documentos disponibilizados pelo poder público municipal.

Posteriormente à pesquisa bibliográfica, foi realizado o levantamento empírico de dados nas praças públicas centrais de Orlandia. Primeiramente pela avaliação dos mobiliários, por meio do qual foi avaliado a qualidade dos equipamentos de cada praça em específico, ou seja, um levantamento quantitativo e qualitativo dessas praças.

Para evitar que os mobiliários fossem avaliados de diferentes maneiras e com interferências subjetivas do pesquisador/avaliador, foi necessário que se estabelecesse alguns parâmetros fixos que nortearam estas avaliações. Portanto, nesta pesquisa foram utilizados alguns parâmetros de avaliação para cada item do instrumento de avaliação, com base na metodologia proposta por De Angelis (2000).

- **Bancos:** estado de conservação, material empregado em sua confecção, conforto, localização ao longo dos caminhos - se recuados ou não, distribuição espacial - se em áreas sombreadas ou não.
- **Lixeiras:** tipo, localização, funcionalidade, material empregado e conservação.
- **Sanitários:** condições de uso, conservação e quantidade.
- **Telefone público:** em funcionamento – se liga ou não, estado de conservação.
- **Bebedouros:** tipo, condições de uso, conservação.
- **Caminhos:** funcionalidade – se interligam locais ou não, largura, manutenção e desenho.
- **Palco/coreto/concha acústica:** funcionalidade, conservação, design, uso (frequente, esporádico, sem uso), se compatível com o desenho da praça ou parque.
- **Monumento/estátua/busto:** significância da obra de arte; conservação; inserção no conjunto da praça ou parque.
- **Espelho d'água/chafariz/lagoa/lago:** em funcionamento, se inserido ou não no contexto da praça e conservação.
- **Estacionamento:** conservação, sombreamento e segurança.
- **Ponto de ônibus e de táxi:** se na praça, próximo ou distante de; presença ou não de abrigo e conservação.
- **Edificação Institucional:** estado de conservação.
- **Banca de revista:** em evidência ou não, material empregado em sua construção, design (estética – se compatível com a praça ou parque).

Além dos parâmetros propostos por De Angelis (2000), também foram utilizados nesta pesquisa alguns parâmetros específicos para avaliar qualitativamente a iluminação, baseado em Carvalho (2001):

- **Bom:** se em bom estado de manutenção, sem luminárias quebradas ou queimadas, se o número de postes é suficiente para proporcionar uma boa luminosidade e os postes não estão localizados próximo às copas das árvores, prejudicando a iluminação;
- **Regular:** se, apesar de os postes de luzes estarem em bom número e bem localizados, existem luminárias queimadas ou quebradas, influenciando a iluminação da praça e prejudicando a segurança e o bem-estar da vizinhança;
- **Ruim:** luminárias quebradas, fazendo com que a iluminação esteja aquém do necessário;

Para esta pesquisa, com foco nos usos e nos mobiliários, utilizamos critérios próprios para abordar a vegetação considerando apenas o sombreamento proporcionado por este elemento nas praças públicas em questão, avaliando as áreas onde elas se fazem presentes em:



- **Boa:** árvores altas com troncos grossos, copas com muitas folhas e bom sombreamento
- **Regular:** árvores médias bem folheadas e com bastante sombra, ou árvores altas com copa fina e que proporcionam pouca sombra (coqueiros, palmeiras, etc.)
- **Ruim:** vegetação arbustiva ou de pequeno porte e gramados.






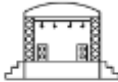










Para representar cartograficamente as praças estudadas, buscando evidenciar seus mobiliários tanto quantitativamente, quanto avaliando sua qualidade, foram criados croquis, que, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, consistem em “um esboço preliminar ou experimental. (...) que contém informações sobre uma pequena área” (IBGE, 1993). Tais croquis presentes em nossa pesquisa foram elaborados a partir de plantas fornecidas pela Secretaria Municipal da Infraestrutura Urbana do município de Orlândia, sendo adaptadas por nós através dos programas AutoCAD 2023, *Google Earth Pro*, *Paint* e *CanvaPRO*.

Sendo assim, a classificação quantitativa e qualitativa desta pesquisa foi representada em croquis, sendo utilizado uma quantidade de três para cada praça, um principal com os mobiliários que possuem interação direta com o uso da população (bancos, lixeiras, telefones públicos, etc...) e outros dois auxiliares, pois representam a possibilidade de uso ativo por parte dos usuários: um abrangendo os caminhos e a iluminação da praça e outro tratando acerca da quantidade de sombra proporcionada pela vegetação.

Nos dois primeiros (mobiliários de uso, pavimentação e iluminação) a qualidade foi representada em símbolos de quatro cores, baseado na metodologia proposta por Bovo (2009): cor verde representando estruturas e equipamentos em bom estado; cor laranja simbolizando os regulares; e vermelha, indicando aqueles caracterizados como ruins. Já os símbolos azuis, indicaram uma proposta de implementação dos mobiliários e/ou equipamentos. Tais símbolos estão sistematizados (em preto) no Quadro 1.

Quadro 1 - Símbolos dos equipamentos ou estruturas das praças

Mobiliários	Símbolos	Mobiliários	Símbolos
Bancos		Bebedouro	

Lixeiras		Academia ao ar livre	
Telefone Público		Parque Infantil	
Ponto de táxi		Estacionamento	
Ponto de ônibus		Identificação de Logradouro	
Coreto		Banca de Revista	
Placa de homenagem		Sanitários	
Monumento		Fonte ou espelho d'água	
Equipamentos esportivos		Quiosque de alimentação	
Bancos Longos		Templo religioso	
Iluminação alta		Iluminação média	
Iluminação baixa		Caminhos	
Edificação Institucional			

Organização: Amaral (2022).

Já para o croqui de sombreamento da vegetação, foram utilizadas outras cores, todas na escala de verde, indo de um tom mais claro até um tom mais escuro, indicando a presença de maior sombreamento (tons escuros) e menor sombreamento (tons mais claros).

Após a avaliação técnica quali-quantitativa, seguida de mapeamento dos mobiliários e equipamentos, foram realizadas enquetes de opinião nas próprias praças, com a população

presente nos dias de aplicação das enquetes. Objetivando conhecer mais sobre os usos que são feitos dessas praças centrais da cidade, dando voz ao cidadão, considerando-os enquanto responsáveis pelas práticas cotidianas que garantem a sociabilidade urbana no espaço público.

As questões efetuadas durante a aplicação da enquete somam um total de catorze. Os aspectos priorizados nesse instrumento de pesquisa vão desde a identificação, caracterização pessoal, relação com a praça, opinião sobre aspectos positivos e negativos, até a opinião de possíveis melhorias a serem realizadas. São onze questões de múltipla escolha e três abertas, que solicitam a opinião dos respondentes sobre seus usos nestes locais e sobre as estruturas da praça (equipamentos/mobiliário).

Essas enquetes foram realizadas de maneira presencial, fazendo uso preferencialmente da plataforma Formulários Google em meio digital, ou de folhas impressas entregues aos respondentes, conforme apêndice I. Este levantamento não tomou como base uma amostragem estatística, pelo fato de não ser uma pesquisa estritamente quantitativa, nosso foco foi maior nas questões qualitativas, com as enquetes sendo realizadas com diversos indivíduos presentes nas praças durante os períodos de observação e levantamento de campo, resultando um montante de 75 enquetes.

Para a realização do levantamento e avaliação dos locais estudados e a aplicação das enquetes, foi seguido um cronograma de dias de observação, contemplando todos os dias da semana em diferentes períodos de observação, conforme o Quadro 2.

Quadro 2 – Dias de observação e aplicação das enquetes de opinião nas praças.

Dia da semana	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta	Sábado	Domingo
Data	05/set	06/ set	07/ set	08/set	09/set	10/set	11/set
Período	Manhã	Tarde	Noite	Tarde	Manhã	Noite	Tarde
Data	12/set	13/set	14/set	15/set	16/set	17/set	18/set
Período	Manhã	Noite	Tarde	Manhã	Noite	Tarde	Manhã
Data	19/set	20/set	21/set	22/set	23/set	24/set	25/set
Período	Tarde	Manhã	Manhã	Noite	Tarde	Manhã	Noite

Organização: Amaral (2022).

A partir das respostas obtidas por meio das enquetes de opinião objetivamos analisar as praças públicas baseados na metodologia proposta por Santos (1985), no qual se estuda o espaço de acordo com as categorias de *forma, função, estrutura e processo*. Embora seja uma proposta de abordagem abrangente na análise do espaço geográfico, entendemos que seja possível a sua utilização no recorte proposto para esta pesquisa, um estudo sobre as praças centrais de uma pequena cidade do interior paulista.

Assim, identificamos cada um desses locais, considerando o conjunto de sua estrutura, os mobiliários que atraem a população para frequentarem as praças, bem como aqueles que contribuem para seu afastamento. Além disso, foi possível elaborar propostas de melhorias e/ou implementação destes mobiliários, tomando por base as análises e a visão do pesquisador.

Sendo assim, ao final da pesquisa, enquanto resultados de nossa análise e reflexão, foram propostas melhorias estruturais que poderão favorecer os usos das praças públicas centrais de Orlandia, levando em consideração os dados levantados em pesquisas empíricas de observação e aqueles obtidos com a realização das enquetes de opinião.

2. AS PRAÇAS PÚBLICAS NA PEQUENA CIDADE: uma centralidade ampliada...

Antes de darmos início à análise dos usos das praças públicas centrais em uma cidade de pequeno porte, precisamos primeiramente trazer para nossa abordagem alguns dos principais conceitos que fundamentam tal pesquisa, sendo eles: a centralidade, os espaços públicos e as praças públicas. Deste modo, traçaremos uma abordagem teórica que vai desde a importância das áreas centrais nessas cidades, passando pela importância dos espaços públicos nas mesmas e, por fim, chegando nas praças e seus usos, nosso objeto de estudo.

Nesse sentido, intentaremos evidenciar a influência não só das praças públicas, como também da área central nas funções sociais, comerciais e culturais no âmbito das pequenas cidades, que quando sobrepostas multiplicam sua intensidade, convergindo boa parte da vida urbana para si.

2.1 Área central e centralidade

Ao analisar qualquer espaço urbano é necessário primeiramente compreender que este não é apenas uma localidade desconexa das demais partes da cidade na qual está inserida. É necessário compreendermos que em uma cidade existem diversas partes e que estas se relacionam entre si, as áreas centrais, os núcleos secundários, a periferia, as áreas segregadas, as áreas de lazer, as áreas públicas, as áreas privadas, entre outras, coexistem e se fazem necessárias umas às outras.

Todavia, dentre as diversas formas urbanas existentes, a que mais se destaca, a primordial dentre todas as demais formas espaciais urbanas é a área central, a qual se confunde com a história da própria cidade. Esta deve ser compreendida como fruto do processo de centralização, ou seja, a materialização no espaço de dinâmicas que caracterizam uma determinada área da cidade enquanto espaço central.

Para uma análise mais profunda da área central não devemos nos ater somente à observação dessa área, a mera visualização nos levaria ao engano de diferenciar uma área central das demais áreas da cidade apenas, por exemplo, pela presença de um maior número de estabelecimentos comerciais e uma maior movimentação de pessoas. Pelo contrário, é necessário que se analise todas as dinâmicas que acontecem naquela área e que posteriormente darão origem às materializações.

Se a cidade é caracterizada por sua capacidade de catalisação de processos (sejam esses sociais, produtivos, financeiros ou administrativos, a depender do recorte temporal e espacial analisado), a área central seria a *ampliação* disso, uma área de catalisação de processos inserida dentro de outra área também catalizadora, que é a cidade.

Sendo assim, essa área é caracterizada pelo intenso fluxo: de mercadorias, de troca de informações, de interações sociais, de encontros, de venda, de consumo, de lazer etc. Estes, por sua vez, não conseguiriam existir sem a presença dos fixos, que seriam aqueles objetos estáticos presentes nessa área como os estabelecimentos comerciais, instituições governamentais, praças, entre outras.

Esse intenso fluxo existente nessa área central dá origem ao conceito de centralidade, que é de suma importância para que se compreenda o espaço urbano como um todo. Para Silva (2001), a partir da discussão de Lefebvre (1999), a centralidade urbana é o elemento que interliga as diversas partes da cidade, compreendidas como um conjunto.

Essa centralidade diz respeito à capacidade de convergência de processos pertencentes à toda cidade, a influência da área central atinge todas as demais partes da cidade, articulando-as e sendo de suma importância para as dinâmicas de praticamente todas essas outras partes que não necessariamente estão interligadas fisicamente ao centro.

Nas cidades brasileiras, desde as pequenas até as metrópoles, sempre há uma determinada área em que as atividades do setor terciário se concentram, que abre possibilidade para um grande fluxo de pessoas, veículos, informações e mercadoria. Uma área central que acaba por gerar centralidade, na teoria lefebvriana isso é evidenciado, defendendo a ideia de que “Não existe realidade urbana sem um centro; comercial, simbólico, de informações de decisão, etc.” Lefebvre (1972, apud VILLAÇA, 2001, p.237).

Ainda sobre a centralidade, Carlos (2001) traz contribuições ao dizer que ela deve ser compreendida pela composição de lugares como ponto de acumulação e atração de fluxos, centro social e mental que se define pelo encontro e pela reunião, sendo uma forma vazia que necessita de relações sociais, situações e objetos. Sendo assim, é preciso nos atermos às interações que ocorrem nesses locais, aos cidadãos que dão vida, produzem e reproduzem o processo de centralização e que dão origem à área central - sua forma resultante.

Estes cidadãos enquanto “agentes produtores do espaço urbano” (CORRÊA, 1989) fazem uso de diversos espaços dentro da cidade para trocar informações, fazer comércio, se mostrar ao mundo, entre outras atividades.

Constatada a importância dessas relações sociais no processo de produção da área central e da própria cidade, evidencia-se também o papel dos espaços públicos, o mais democrático dos espaços da cidade e que sempre teve papel significativo no desenvolvimento urbano, desde o âmbito social até o desenvolvimento econômico.

Se tratando de pequenas cidades, nem todas as perspectivas de análise se encaixam, tendo em vista suas especificidades, sobretudo no que tange ao seu porte. Suas áreas centrais são de suma importância para estas cidades e se distinguem, de certa maneira, daquelas situadas nas grandes cidades. Esclarece-nos, sobre essa questão, Benedet (2008) para quem:

Em cidades médias e pequenas, praticamente não existe arranha-céus comerciais, sendo assim, não é possível associá-los à esses edifícios. A característica fundamental de um centro urbano em uma cidade de pequeno porte é a diversificação do seu comércio e dos seus serviços, seu patrimônio construído, sua infra-estrutura de serviços públicos e a maior oferta de transporte coletivo (BENEDET, 2008, p.20).

Nas pequenas cidades a localização e as formas das áreas centrais permanecem quase que imutáveis desde sua origem, o mesmo acontece em relação aos conteúdos, que dão passos muito lentos em direção à mudança. Por sinal, os centros nessas cidades são, em sua maioria, considerados históricos, e sua história se confunde em muitas vezes com o desenvolvimento da cidade. A forma destes centros é composta basicamente por prédios antigos, históricos, onde se desenvolveram grande parte dos acontecimentos mais importantes da cidade. De acordo com Panerai (2006, apud BENEDET 2008, p.19), o centro confundia-se com a área mais antiga, eventualmente ampliada e incluindo algumas áreas importantes do ponto de vista funcional, como as estações ferroviárias, ou do ponto de vista simbólico, como as praças.

Em Orlandia o centro da cidade não foge dessa teoria, é ele que concentra os principais serviços, atividades comerciais, relações sociais e articulação política. Nessa área estão inseridos os espaços públicos, que se unem à dinâmica central como local das mais diversas dinâmicas urbanas e que estão em cena desde o surgimento da cidade, atuando como espaço protagonista no âmbito da convivência social e de lazer da cidade.

2.2 Sobre os espaços públicos

A interação social no âmbito das cidades não se dá somente no campo das ideias ou somente no âmbito privado, dentro de casas ou entre pares costumeiros. Sua realização cidadina cotidiana acontece a todo instante, sobretudo nos chamados “espaços públicos”, o local dos encontros. Conforme evidenciam Gehl e Gemzoe (2002, p.7): “A cidade é um lugar de encontro e seus espaços públicos são os lugares que possibilitam esses encontros”.

Entretanto, estes encontros presentes nos espaços públicos, ao mesmo tempo em que necessitam dele para acontecer, interagem com ele, modificando-o, dando novos significados, produzindo novos espaços, como destacado por Loboda (2008), da sua multifuncionalidade. Têm-se então uma relação dialética entre o espaço existente e os sujeitos que se apropriam do mesmo, moldando-o e dando novos significados, de acordo com o tempo histórico que se encontra.

Neste sentido, Santos (1997, p.16) defende que o espaço está em constante transformação e evidencia que todos os elementos presentes naquele espaço mudam de acordo com o espaço histórico. Ao trazer essa perspectiva para o caso dos espaços públicos estes devem ser associados com seu processo histórico, separando analiticamente a forma social da forma física e estrutural, para que em uma análise final haja a junção dessas partes fragmentadas e se tenha a reconstrução do todo, pautada ainda sob o entendimento do processo histórico pelos quais estes elementos passaram e identificando o momento no qual estão inseridos atualmente. Enfim, uma análise possível a partir das categorias forma, função, estrutura e processo¹.

Refletindo sobre o momento presente dos espaços públicos, alguns autores como Gehl e Gemzoe (2002) e Habermas (1984) apontam que estes estão em relativa decadência de usos e oportunidades se comparados a outros momentos históricos. Os primeiros, ao dissertar sobre esta questão observam que:

Em algumas cidades, principalmente metrópoles, um processo de esquecimento, de abandono e de degradação, principalmente pelo uso do extensivo do automóvel que impede a apropriação do espaço por parte da população, mais especialmente as crianças, os adolescentes, os idosos e os deficientes físicos, ou mesmo qualquer pessoa que dependa de outro meio de transporte para o seu deslocamento, gerando outro tipo de exclusão social e desrespeito à cidadania (GEHL; GEMZOE, 2002).

Contudo, Habermas (1984 apud LOBODA, 2008) demonstra que estes espaços em outros momentos também apresentaram exclusões ao dizer que a atuação direta na vida pública

¹ Tal procedimento metodológico será evidenciado no subitem 2.4 deste capítulo

era algo exclusivamente dos “homens livres”, não incluindo nesse patamar as mulheres e os escravos, por exemplo.

Em relação às novas dinâmicas dos espaços públicos e com projeções futuras acerca do uso destes espaços o mesmo autor ainda destaca que:

Fenômenos como o consumismo, os meios de comunicação, a expansão das sociedades industriais avançadas, constituem-se em alguns dos elementos que conspiram para a debilitação da esfera pública contemporânea, para a erosão do espaço público e, por consequência, dos seus atributos básicos.” (Habermas, 1984 apud LOBODA, 2008, p.77).

Entretanto vale ressaltar que em outros momentos históricos houve sim, certo uso intensivo destes locais por parte da sociedade, para exercerem suas dinâmicas sociais, acompanhados plenamente pelo poder público e também por comerciantes, todos estes usos ressaltavam e davam importância à estes locais, basta observarmos a ágora grega com sua ampla oferta de liberdade e debates sociais, o fórum romano exemplificando o uso deste espaço para fazer política, ou até mesmo, os diversos espaços públicos utilizados largamente no período mercantil para os fazeres econômicos.

Entretanto, ao retomar a perspectiva de Santos (1997) temos que considerar a mutabilidade constante do espaço e necessitamos de entender que seria utópico pensarmos os espaços públicos permanecerem sempre os mesmos, com a mesma frequência de uso e com as mesmas práticas sendo exercidas. É preciso então, compreendê-lo como um elemento que foi e é modificado e que seria uma ilusão acreditar que mesmo após tanto tempo sua dinâmica permaneceria a mesma.

Gomes (2014), ao observar o crescente ideário de que o espaço público está cada vez mais fadado ao insucesso devido às novas contradições encontradas nestes espaços, as impossibilidades de uso e os conflitos diversos gerados pelos usuários, traz uma perspectiva contrária, rebatendo os autores que seguem tal linha teórica ao dizer que:

Algo que não deveria escapar a esses críticos é que, ao contrário das doutrinas escatológicas, o funcionamento dos espaços públicos nunca foi pensado como um modelo ideal, de perfeição e obliteração de conflitos. Espaços públicos não são produtos dados e acabados, uma instituição que, uma vez estabelecida, traria a paz da consensualidade e a perfeita igualdade nas sociedades democráticas. Espaços. Espaços públicos são os lugares em que os problemas aparecem e se transformam em debates, em diálogo e em possibilidade de ajuste e compromissos. Por isso, não anulam os conflitos, ao contrário, são canais de comunicação e de visibilidade de oposições. Não existe um modelo definitivo a partir do qual só virtudes e harmonia seriam gestadas (GOMES (2014, p.117).

Como o espaço público materializado é o local onde se dão as relações sociais há de se pensar nessas relações sociais em si, enquanto reunião de um grupo de indivíduos que juntos

formam um coletivo. Isso nos leva então a enfatizar que seria impossível pensar algo completamente homogêneo nessa coletividade que se apresenta nos espaços, os sujeitos responsáveis por participar dessa vida pública levam consigo questões íntimas a cada individualidade e a expõem ao público e é nesse sentido em que tais aspectos intrínsecos a cada sujeito se inserem no debate de ideias da coletividade que posteriormente resultará em modificações do espaço no qual estão inseridas.

Nessa perspectiva, Serpa (2007) considera o espaço público como espaço da ação política, sobretudo na contemporaneidade, ao mesmo tempo em que este também é o espaço simbólico pois ali se manifestam diversos sujeitos com suas mais diversas culturas. No intuito de firmar ainda mais tal abordagem, fazemos uso das considerações de Gomes (2014), destacando que:

Permanecer nos espaços públicos, com todos os direitos que eles asseguram, é um exercício político na vida social. Afirmar a livre expressão da heterogeneidade nestes espaços constitui outro fundamento da vida democrática. Todos os dias, nos espaços públicos se expõem ações que poderiam ser concebidas como manifestações políticas: formas de apresentação, comportamentos, atitudes que tem potencial transformador e de questionamento dos valores e das regras. Ao se manifestar produzem formas de adesão e de conflito, ou seja, produzem um diálogo a respeito da possibilidade de se incorporar ou não essas ações, em outros termos, surge um diálogo político. É neste sentido que a palavra “política” se vincula com suas raízes históricas da Polis (GOMES, 2014, p.116).

Sendo assim, neste trabalho assumimos a perspectiva de que estes espaços públicos não estão “falecendo”, mas sim, ganhando novos usos de acordo com a nossa atual configuração do espaço e tempo. Assume-se também que este é o melhor local para a vida política e para as relações sociais democráticas, ainda que permeadas por contradições associadas com a produção social da própria cidade.

As praças públicas são os mais notórios dos espaços públicos e estão presentes em todas as nossas cidades, em muitos casos sendo o “embrião” a partir do qual se originou as próprias cidades. Por suas diferentes dinâmicas, sua relevância no fazer social e sua influência na produção do espaço urbano, estes locais merecem uma atenção especial e necessitam de uma análise específica, que serão abordados na sequência.

2.3 Sobre as praças públicas

Por se tratar de um espaço amplamente conhecido, democrático e notório dentro das cidades, a praça é talvez um dos espaços urbanos mais debatidos cotidianamente, desde o senso

comum daqueles que a frequentam, perpassando pelos debates políticos partidários e indo até os diversos ramos da ciência que a adotam como objeto de estudos, como: Arquitetura, Urbanismo, Geografia, Sociologia, Biologia, entre outras.

Por se tratar de um espaço plural, da mesma forma é vasto o número de áreas do conhecimento que tecem contribuições ao entendimento da praça, cada uma com seu objeto de estudo e forma de abordagem, sendo diversas as conceituações feitas a seu respeito. No intuito de trazer uma definição mais geral deste espaço, fazemos uso das considerações de Robba e Macedo (2003, p.17) que definem as praças públicas como “espaços livres públicos urbanos destinados ao lazer e convívio da população, acessíveis aos cidadãos e livres de veículos”.

Estes autores evidenciam o caráter físico estrutural da praça, ao qual diversas áreas da cidade seguem para que possam ser reconhecidas como praças. Porém, para evitar uma análise meramente descritiva da praça pública, nós enquanto geógrafos devemos analisar a totalidade, indo além dos aspectos formais deste espaço, sobretudo na ciência geográfica. Na concepção de Bovo (2000):

No campo da Ciência Geográfica, devemos entender a praça não somente como um espaço físico materializado, com o imobiliário urbano, paisagismo e arborização, cuja função seria a de “áreas verdes” para o seu embelezamento, porém devemos entender as praças como espaços balizados pelas questões econômicas, políticas, sociais, culturais e ambientais cujo principal elemento seja o homem, pois ele é que as utiliza. Neste sentido, a praça vista como espaço geográfico impõe um desafio. Ela é dinâmica e há uma circulação de pessoas e ocupantes no seu interior, sendo preciso entendê-la na dimensão tempo espaço, associação que ajuda a compreender sua estrutura, processo e função (BOVO, 2009, p.55-56).

Buscando um melhor entendimento sobre a origem dessas praças e sua evolução ao longo da história, destacaremos, mesmo que de forma geral, alguns períodos nos quais as praças foram alteradas tanto em seus aspectos concretos como em seus aspectos usuais.

Por se tratar de um dos elementos mais antigos das cidades, este espaço livre e destinado à convivência dos cidadãos não ganhou notoriedade apenas nos modelos de cidades atuais, marcando presença desde muito cedo na história dos aglomerados urbanos. Seu mais notório registro em tempos passados é a *Ágora*, ainda na Grécia antiga.

Segundo Ribeiro (2008) este era um espaço onde as pessoas se reuniam para tomar decisões sobre coisas que eram de interesse coletivo, aconteciam assembleias e troca de ideias, o lugar da prática da democracia. Em relação aos aspectos físicos e paisagísticos da *Ágora*, Mumford (1982 apud BOVO, 2009) a apresenta com “um amplo espaço em local privilegiado, rodeado por colunas e estátuas, com áreas sombreadas para passeio ou reuniões.

Todos esses aspectos supracitados justificam o amplo reconhecimento desse espaço público enquanto antecessor de nossas praças, tanto por seu caráter político, social, paisagístico e até evidenciando o espaço público enquanto espaço da liberdade. No Império Romano, ainda na Idade Antiga, o Fórum era um dos grandes pontos de encontro, também público e central, onde além das práticas sociais e políticas também se faziam presentes os pontos de comércio. Verifica-se então uma grande semelhança entre a Ágora grega e o Fórum Romano.

Já na Idade Média, segundo Ribeiro (2008), as praças nasceram nas áreas livres existentes entre os edifícios da cidade, em torno dos burgos, dando origem às praças de mercado. O mercado na Idade Média é um espaço aberto e público por excelência, era a principal razão da cidade como lugar de trocas e serviços, com funções importantes de comércio e reunião social.

Após este período a praça se sobressai das dinâmicas sociais, políticas e de mercado, incorporando valores simbólicos e assumindo assim uma função estética. Ribeiro (2008) ainda aponta que a praça ganhou desenhos arquitetônicos e ficavam localizadas no centro da cidade e ao seu redor, os prédios importantes, como a igreja, edifícios públicos o mercado, era um lugar barulhento e bastante movimentado, a praça central funcionava como irradiadora de toda a vida urbana. Além disso, para De Angelis (2000) este período trata-se de um ponto de inflexão para as praças urbanas, pois é nele que a praça se converte em um dos principais elementos do espaço urbano.

Mais recentemente, no mundo contemporâneo, as praças necessitaram de modificar suas funções em detrimento das novas estruturas socioeconômicas estabelecidas, resultando também na pluralidade de formas obtidas e, conseqüentemente, em diferentes modelos de praça, cada uma com suas especificidades.

De maneira geral, assim como todos os espaços públicos, na pós-modernidade as praças começam a deixar de ser amplamente frequentadas, com os cidadãos preferindo se isolar em seus mundos íntimos, dentro de suas casas onde provavelmente se sentem mais seguros. Além de que nestes espaços foram incrementados novos atrativos como, em um primeiro momento, as televisões e posteriormente os computadores, celulares e as redes sociais virtuais.

Mesmo quando “arriscam” sair de seus espaços íntimos a população das cidades preferem ir a bares, restaurantes, *pub's*, *shopping centers*, entre outros, estes que são espaços pertencentes ao âmbito privado, que não são comuns a todos, além estabelecerem uma certa seletividade econômica, social e cultural. Demonstrando a maneira com que o privado avança

sobre o público neste capitalismo cada vez mais intenso dos tempos pós-modernos. Esclarece-nos, sobre essa questão, Santos (1996), para quem:

Os espaços públicos (praias, montanhas, calçadas etc.) foram impunemente privatizados. Hoje temos que comprar o ar puro, os bosques, enquanto se criam espaços privatizados publicizados, como play-grounds. (...) A parcela da população que não pode pagar pelo estádio, pela piscina, pelo ar puro, pela água, fica excluída desses bens, que deveriam ser públicos, porque é essencial à qualidade de vida. (SANTOS, 1996, p. 48).

O que se tem então, é uma tendência de subordinação do público ao privado enquanto um fenômeno mundial em quaisquer âmbitos, desde os espaciais até os sociais e culturais, expandindo-se à medida em que o capitalismo se desdobra. Mesmo assim, existem rugosidades neste processo de “globalização” do privado, devendo analisar diferentes recortes espaço-temporais, por isso no próximo capítulo, por meio de um esboço sobre a evolução das praças públicas, serão analisadas levando em consideração as particularidades brasileiras.

2.3.1 Evolução das praças brasileiras

Além de apresentar um breve relato sobre a evolução histórica das praças, principalmente no caso dos países ocidentais, faz-se necessário uma análise voltada para o Brasil, com o intuito de enfatizar especificidades sobre as modificações estruturais e formais pelas quais estes espaços passaram em nossas cidades.

Por ser um país relativamente novo em termos de existência, o Brasil sofreu fortes influências de países estrangeiros em sua organização espacial, seja na formação das cidades, suas dinâmicas, as atividades sociais praticadas no meio urbano, entre outros diversos fatores culturais importados, sobretudo dos países europeus. Isso, é claro, se refletiu nas praças públicas, tanto em relação às suas formas, como em relação às suas funções, a depender da estrutura socioeconômica de variados períodos ao longo de seus mais de 500 anos de existência,

A fim de sintetizar a evolução funcional das praças brasileiras em diferentes períodos, nos basearemos na divisão proposta por Robba e Macedo (2003), a qual destaca quatro períodos pelos quais as praças brasileiras passaram, cada um com suas funções apresentadas no Quadro 3.

Quadro 3 - Evolução das praças brasileiras

	Período			
	Colonial	Eclético	Moderno	Contemporâneo

Funções das praças	Convívio social Uso Religioso Uso Militar Comércio e feiras Circulação Recreação	Contemplação Passeio Convívio social Cenário	Contemplação Recreação Lazer esportivo Lazer cultural Convívio social Cenário	Contemplação Recreação Lazer esportivo Lazer cultural Convívio social Comércio Serviços Circulação de pedestres Cenário
--------------------	---	---	--	---

Fonte: (ROBBA e MACEDO, 2003).

Destarte, as praças brasileiras foram fortemente influenciadas pela Igreja Católica, erguendo-se em seu entorno e destacando as funções religiosas delas, estas que por exercerem tamanha influência, acabavam por atrair também todo o restante da dinâmica destes primeiros aglomerados urbanos. De acordo com Marx (1980, apud ROBBA e MACEDO 2002):

“Os templos, seculares ou regulares, raramente eram sobrepujados em importância por qualquer outro edifício, nas freguesias ou nas maiores vilas. (...) E, pelo seu destaque e proporção, atendiam também a atividades mundanas, como as de recreio, de mercado, de caráter político e militar (Marx 1980, apud ROBBA e MACEDO 2002, p. 7)

Já no período seguinte, denominado pelos autores como eclético, novos padrões sociais emergem e modificam as praças brasileiras. Se tratava de um momento de resgate do convívio social, as pessoas queriam ir à praça, ansiando por ver o outro e socializar-se, além da eminência de novos padrões estéticos advindos do urbanismo inglês e francês. Deffontaines (2004), ao analisar tal evolução das praças, destaca as formas do período colonial e expõe a transição deste ao eclético.

A praça serve de ponto de parada, onde as pessoas se divertem olhando, não ficando mais solitárias; fazer praça é o principal emprego do tempo dos habitantes; é a única ocasião que se tem de pôr a roupa de domingo, segundo os costumes do lugar; as casas que cercam a praça procuram ser luxuosas; elas fazem parte da festa, não são casas, mas palacetes e foram construídas pelos principais fazendeiros das cercanias, porque é um luxo ter-se fachada para a praça. O mais rapidamente possível, enfeita-se essa praça, traçam-se nela jardins, põe-se luz elétrica e é a ambição de toda cidade nova ter uma praça bem ajardinada e iluminada (DEFFONTAINES, 2004, apud BOVO, 2009, p.55).

Para tanto, era necessário que se tivesse um excelente repertório para tudo isso, padrões estéticos que estivessem ao nível do convívio social tão marcante nessa época. Estes padrões que foram fortemente influenciados pelo urbanismo inglês e francês, caracterizando um período de prestígio ao ajardinamento das praças, à admiração dos belos cenários basilares ao convívio social. Segawa (apud ROBBA e MACEDO, 2003, p.13) destaca que:

Reunir-se: fazer-se público de sua presença, exibir pompa, ver homens e mulheres bem-vestidos e bonitos, contar e ouvir as novidades, assistir a apresentações musicais, mostrar filhas na busca de maridos, homens finos admirando e fazendo corte a cortesãs. Os jogos sociais e sexuais – com a tácita concordância entre seus praticantes – o plaisir de la promenade, tinha um palco magnífico nos jardins público (SEGAWA, apud ROBBA e MACEDO, 2003, p.13).

No período moderno, as praças novamente sofreram transformações no que tange a seus usos, desta vez incluindo o lazer em suas práticas socioespaciais, seja ele esportivo, cultural, ou focado na recreação infantil. Desse modo as praças públicas brasileiras, assim como suas formas físicas, passaram a privilegiar o lazer, deixando a vegetação – marca registrada do período eclético – como um mero elemento de composição espacial.

A situação das praças brasileiras no período mais recente é caracterizada por uma multifuncionalidade, abarcando praticamente todos os usos passados. Impulsionadas pela expansão industrial, conseqüentemente acompanhada do crescimento populacional nas cidades, as praças se espalham por toda cidade, do centro às áreas periféricas, de uma ponta a outra. Portanto, suas funções são as mais diversas, podendo ser mais estética, mais social, mais recreativa, ou simplesmente um local de passagem.

Concomitantemente à pluralidade de usos disponíveis nas praças públicas brasileiras, verifica-se também o descaso na definição do que seriam essas praças públicas e quais suas reais funcionalidades. Robba e Macedo ressaltam que “[...] nas cidades brasileiras, qualquer espaço verde público, seja arborizado ou simplesmente gramado, um canteiro central de avenida ou espaço livre entre edifícios é denominado praça” (2003, p.16).

Os autores ainda alegam que além deste descaso, somam-se as privatizações que são feitas destes espaços públicos, pois o comércio banido durante o ecletismo e o modernismo volta a marcar presença. Juntamente a isso, a estrutura social vigente marcada pelo individualismo, pelo medo do próximo e de qualquer interação com ele, colocam em xeque a funcionalidade atual das praças públicas. Ferrara (1993, p. 225) reflete sobre essa questão e observa que:

A praça, a avenida, a multidão, enquanto expressões públicas da cidade, foram substituídas pelas versões urbanas íntimas, demarca-se claramente o espaço individual separando-o do coletivo, e reivindica-se a demarcação sígnica dessa visão em nome da propriedade, da segurança, da tranquilidade íntima e da livre expressão. [...] Nessa nova imagem urbana colidem o público e o privado, prevalecendo o segundo sobre o primeiro, na medida em que agora, os espaços coletivos urbanos – praças, avenida, ruas, galerias, lojas e pavilhões - cedem lugar à habitação como espaço urbano da intimidade, espaço vedado, seguramente protegido por portões, grades, murros, múltiplos signos de vedação, o mundo da solidão, a casa como lugar onde nos escondemos (FERRARA, 1993, p.225)

Em contraposição a isso, ressalta-se a importância das praças públicas enquanto espaços democráticos, de valor igualitário para toda população, como bem comum e de responsabilidade do poder público. Afinal a Constituição Brasileira, em seu artigo 6º, aponta que: “São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o transporte, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados” (BRASIL, 1988). Todavia, na contemporaneidade a população de menor poder aquisitivo, sem os espaços públicos para pleno proveito, se vê sem saída para aproveitar a cidade, não conseguindo usufruir de seus direitos básicos, tendo uma vida restrita entre casa e trabalho.

Mesmo que sinteticamente, analisar o retrospecto da evolução das praças e sua relação com a cidade evidencia os diferentes usos que estas tiveram ao longo do tempo, modificando-se de acordo com o período, tanto em forma como em função. Destacando a inter-relação que se tem entre a estrutura socioeconômica e as formas das praças, resultando em diferentes funções destes espaços ao longo do tempo, em um processo constante de construções e reconstruções.

Diante disso esta pesquisa se baseará na perspectiva de análise do espaço geográfico proposto por Milton Santos (1985), sendo: estrutura, processo, função e forma, as categorias de análise para o estudo das praças públicas centrais na cidade de Orlandia-SP.

2.4 Forma, função, estrutura e processo como categorias analíticas das praças públicas

Neste subcapítulo discorreremos a respeito da proposição do método geográfico elaborado por Santos (1985) para se analisar o espaço geográfico. Para este autor, antes de partir-se de análises costumeiras, com requintes de senso comum, necessita-se de categorias analíticas que possam representar cada instância deste espaço, de modo a fragmentá-lo em “camadas”, para posteriormente reconstruí-lo a partir das contribuições de cada “camada”.

No entanto, estas “camadas” não podem ser analisadas de maneira independentes, cada uma das categorias analíticas age perante as outras, ao mesmo tempo em que é atingida por elas, sendo assim ao avaliar o conjunto como um todo não se pode ignorar esta dinâmica interna de ações e reações do espaço analisado.

Dividindo-se efetivamente a totalidade em fragmentos analíticos, este autor buscou estabelecer um método que permitisse compreender as interações que o homem tem com o espaço, desde os anseios humanos que influenciam no espaço às materializações que emergem do espaço, de modo a estabelecer diferentes atividades conforme a organização social vigente, em uma trajetória constante que possibilita com que diferentes interações e espaços existam ao longo do tempo. Para isso, foram consideradas as categorias: forma, função, estrutura e processo.

Em nossa abordagem a Forma corresponde aos elementos materializados no espaço, aquilo que é visível, que pode ser descrito por um simples olhar, que pode ser sentido pelo tato, aquilo que está materializado, o arranjo ordenado de objetos concretos presente em um determinado espaço. Em nosso caso a forma seria a praça pública, assim como seus objetos internos (bancos, edificações etc...), fragmentando novamente nosso recorte espacial a fim de pormenorizar a análise e compreender ainda melhor a totalidade.

Contudo, se analisada isoladamente do conjunto a forma não seria passível de nenhuma análise significativa, pois ela sozinha não apresenta nenhum valor e não consegue exercer nenhuma atividade independentemente. Portanto, essa categoria necessita dos sujeitos sociais para lhe darem valor, nem mesmo sua criação não pode ser avaliada isoladamente, pois se um objeto foi produzido no espaço há algum motivo, alguma função esperada dele, de modo a atender uma necessidade dos seres que o utilizarão. Santos (1985) sobre a relevância das formas aponta que:

Se a forma é primariamente um resultado, ela é também um fator social. Uma vez criada e usada na execução da função que lhe foi designada, a forma frequentemente permanece aguardando o próximo movimento dinâmico da sociedade, quando terá toda a probabilidade de ser chamada a cumprir uma nova função (SANTOS, 1985, p. 74-75).

Então o conceito de função pode ser entendido como uma determinada ação que se espera obter a partir de um objeto (uma forma). Em nosso caso as funções sociais, ambientais/ecológicas, estéticas e culturais que as praças exercem em meio ao espaço urbano, como também as funções específicas de cada mobiliário presente nas praças admitem funções para atender seus usuários.

Como subdivisões das funções exercidas pelas praças no contexto da cidade, Nucci (2001) destaca que a função social está diretamente relacionada a oferta de espaços de lazer da população e encontra-se relacionada com as funções ambiental/ecológica e estética. A primeira sendo relacionada com a melhoria do clima urbano e com a qualidade do ar, abrigo a fauna

entre outras, enquanto a segunda estaria mais relacionada com os aspectos visuais, servindo como ambiente de contemplação em meio à “selva de pedra” urbana. Para nossa pesquisa adicionaremos uma outra função geral às praças: a religiosa, visto que essa ainda se faz predominante em algumas praças de cidades de pequeno porte.

Para tanto as funções também se amarram nas demais categorias de análise, ora, não se pode existir uma função sem que se tenha uma forma concreta, a forma dá sentido à atividade e permite com que ela exista. Da mesma maneira com que as funções atendem a determinados interesses e valores impostos pela sociedade, ficando à mercê dos anseios da estrutura social, pois é esta quem dita as funções a serem exercidas perante as formas existentes.

Dessarte a estrutura é aquilo que media as relações de um todo, que integra função e forma e que dá sentido a elas, permitindo com que existam num determinado momento. Se tratando da presente pesquisa esta estrutura seria o atual modelo socioeconômico que estamos inseridos, mais especificamente o modelo de acumulação flexível do capitalismo financeiro inserido em meio aos costumes sociais da pós-modernidade.

A estrutura espaciotemporal de uma determinada sociedade é que rege os valores e princípios em que os sujeitos sociais seguem para apropriar-se das formas e estabelecer diferentes funções a estas. Isso faz com que as formas possam ser construídas ou destruídas de acordo com a determinada sociedade que age no espaço, ou seja, o espaço sofre alterações à medida em que a sociedade se altera. No entanto, essa interação entre estrutura e forma também necessita de uma mediação, pois não se trata apenas de uma sociedade que age perante o espaço concreto, esse movimento de interação entre o meio social e físico é dado pela função, enquanto motivação para tal atitude.

De nada seriam das formas caso não lhe fossem conferidos valores sociais, que determinam uma função para tal instrumento. Contudo, à essa relação dialética deve se somar o fator tempo, pois essas três categorias variam de acordo com o período em que estão inseridas, devemos, portanto, adotar uma metodologia de análise espaço-temporal, dividindo nosso objeto de estudo em diversos instantes, conforme aponta Santos (1985, p.71) “a história é uma totalidade em movimento, um processo dinâmico cujas partes colidem continuamente para produzir cada novo momento”.

Nesse sentido, a quarta categoria de análise do espaço é denominada de “processo”. Esta categoria é basilar para as demais, pois nos permite compreender como estrutura, função e

forma se articulam ao longo do espaço-tempo, sempre indo em uma direção desconhecida que continuamente se modifica.

Ao analisar temporalmente o espaço observa-se que as formas são duráveis na maioria dos casos devido à dificuldade ou impossibilidade de destruí-la. Por conseguinte, à estas são concebidas novas funções, novos usos, de acordo com os anseios sociais de um determinado tempo histórico. Tal durabilidade faz com que formas antigas passem a coexistir com as novas dentro de um mesmo espaço, portanto as sociedades de épocas passadas estão materializadas em nosso espaço por meio destes objetos concretos que permaneceram estáticos no tempo, da mesma forma com que as produções espaciais que fazemos hoje em dia provavelmente estarão presentes nas estruturas futuras.

Em síntese, neste trabalho abordaremos o estudo das formas enquanto predisposições ao uso, assumindo que embora diversos tempos se façam presentes nas praças públicas, novos sentidos e funções foram atribuídas a elas, ou até mesmo, novas formas surgiram para atender as novas necessidades da sociedade atual.

3. APRESENTAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO

Orlândia é um município localizado no interior do estado de São Paulo, na região geográfica intermediária de Ribeirão Preto e na região geográfica imediata de Orlândia – São Joaquim da Barra, onde além dos municípios que constam na nomenclatura verificam-se outros quatro municípios (Ipuã, Morro Agudo, Nuporanga e Sales Oliveira) que são influenciados por Orlândia em questões de lazer, saúde e serviços no geral, a caracterização socioeconômica destas cidades pode ser verificada no quadro 4.

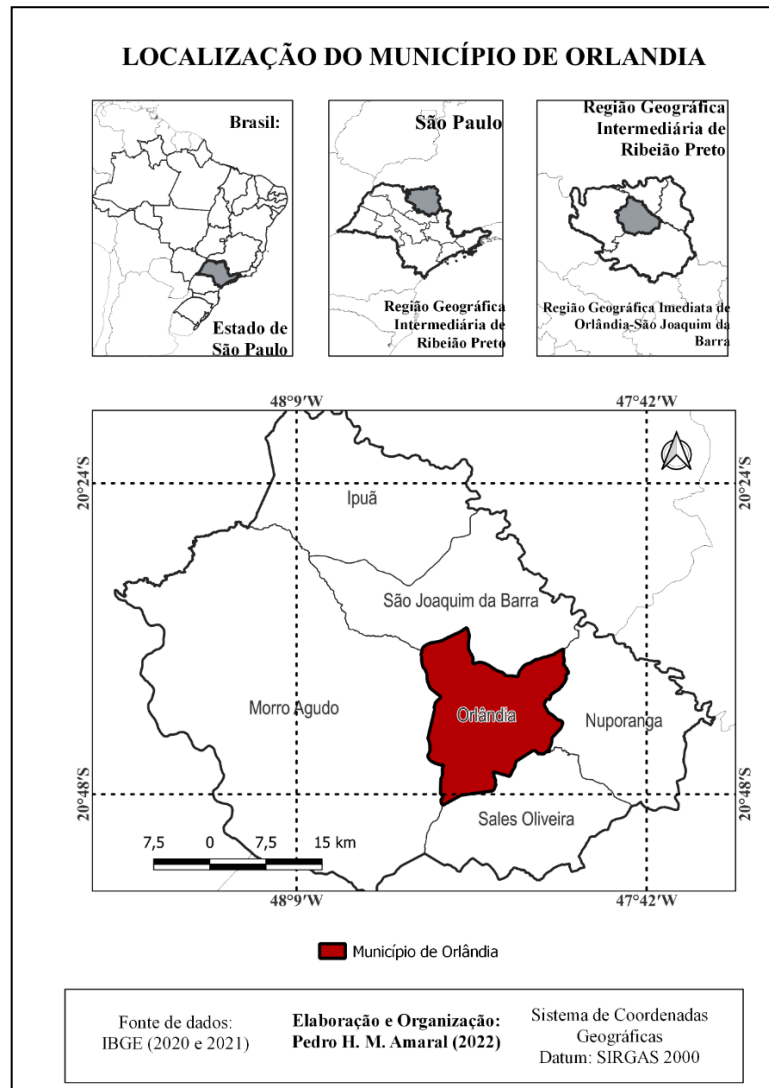
Quadro 4 – Região Geográfica Imediata de Orlândia – São Joaquim da Barra: principais características socioeconômica dos municípios, 2021.

Município	Distância até Orlândia	Área (km²)	População Estimada	PIB per capita (R\$)
Ipuã	47,8 km	466.461	16.794	26.813,11
Morro Agudo	24,1 km	1.388.127	33.598	39.948,70
Nuporanga	18,3 km	348.265	7.522	96.727,85
Orlândia	-	291.765	44.682	49.149,65
Sales Oliveira	8,4 km	305.776	12.103	34.355,62
São Joaquim da Barra	17,9 km	410.863	52.737	36.015,43

Fonte: IBGE (2021), elaborado por AMARAL (2022).

De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, em 2021 o município possuía uma população estimada de 44.682 habitantes, sendo, portanto, considerada como cidade pequena, segundo mesmo instituto. Possui também uma densidade populacional de 136,34 hab/km², estando localizado nas coordenadas 20°43'12" S, 47°53'13"W, conforme demonstrado na Figura 1.

Figura 1 - Mapa de localização do município de Orlandia-SP



Elaborado por: AMARAL, P. H. M. (2022)

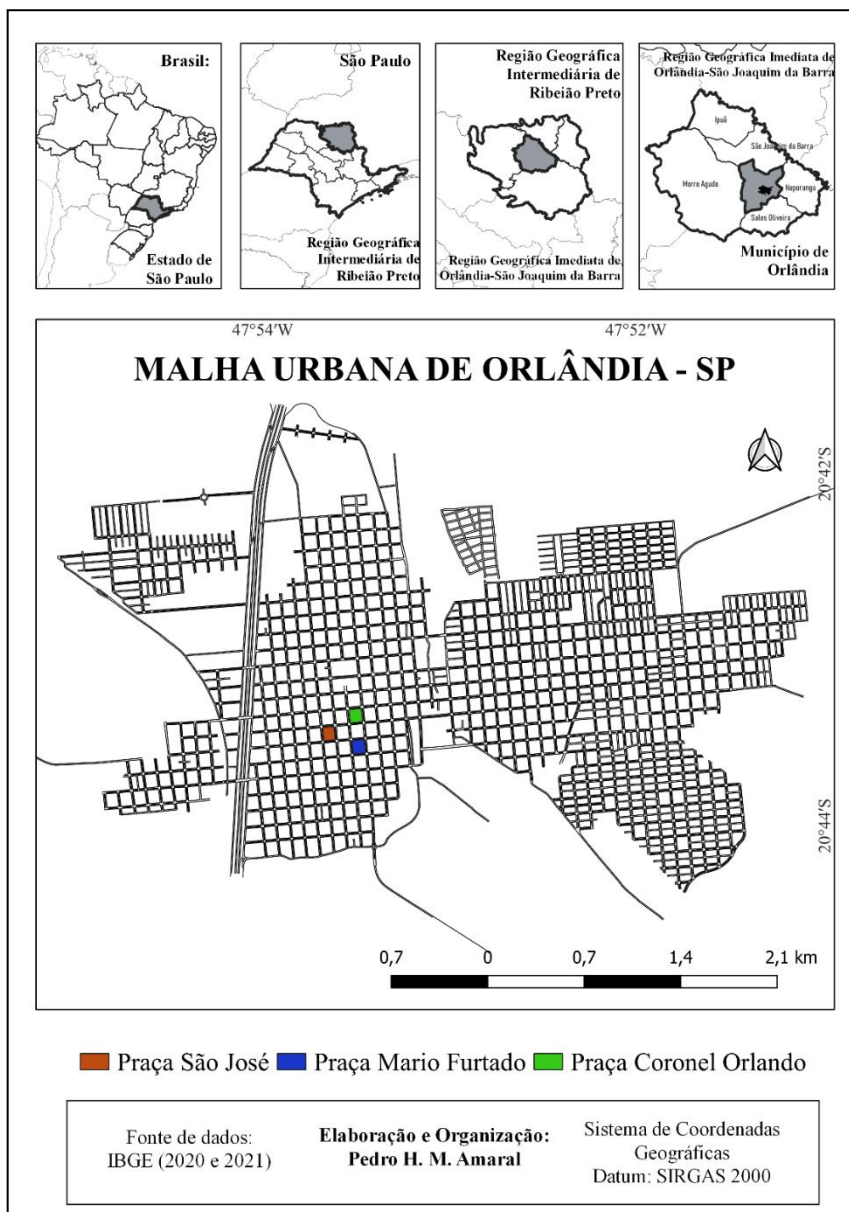
Desde sua gênese o município de Orlandia esteve atrelado à produção agrícola, sendo este o principal motivo de seu desenvolvimento econômico e, conseqüentemente, espacial ainda no começo do século XX. Tal produção era facilitada pela fertilidade encontrada no solo deste território, a “terra roxa” facilitava o cultivo do café que era um forte produto agrícola na época e que trazia alta lucratividade àqueles que o produziam.

Neste município a produção era tão intensa que no ano de 1901 a estação Coronel Orlando foi inaugurada e ao seu redor começaram a surgir as primeiras moradas, passando a chamar-se Vila Orlando, que posteriormente, no ano de 1910, se desmembraria do município de Nuporanga elevando-se à mesma categoria administrativa.

Além da estação ferroviária que perpassava a vila, outra estrutura importante que serviu de base para a produção posterior da cidade foi a Igreja Santa Genoveva, datada do ano de 1908 e nomeada em homenagem póstuma à esposa de Francisco Orlando Diniz Junqueira, o fundador da cidade. Esta igreja localiza-se em meio à praça Mário Furtado, na área central da cidade, onde se concentram as principais atividades e serviços, em uma escala maior até mesmo que a área ao redor da estação que deu origem à cidade.

Ressalta-se então a importância das praças públicas da cidade, desde a implantação do município, principalmente aquelas localizadas na área central. Em função disso, esta pesquisa aborda as três praças localizadas na área central da cidade, são elas: Praça Mário Furtado; Praça Coronel Orlando; e Praça São José (Figura 2). Por meio da análise de seus usos procuramos demonstrar que estes espaços possuem relevância para a vida urbana desta cidade.

Figura 2 - Mapa de localização da malha urbana de Orllândia com destaque para as praças públicas centrais



Elaborado por: AMARAL, P. H. M. (2022)

3.1 Praça Mário Furtado

Tida como a principal praça da cidade por receber eventos como Feira do Livro, Festa das Nações e festividades natalinas, esta praça está localizada na latitude $20^{\circ}43'17.6''S$ e longitude $47^{\circ}53'07.0''W$, possuindo formato retangular e área total de 9450 m^2 . A respeito de sua estrutura arquitetônica, pode ser classificada como contemporânea com forte influência norte-americana, tendo em vista a simetria de ângulos retos em sua estrutura, a presença de comércios em seu interior e a multiplicidade de formas, usos e estilos presentes (Figura 3).

Figura 3 – Visão parcial da Praça Mario Furtado



Fonte: AMARAL, P. H. M. (2022).

Em seu entorno verifica-se a presença de comércios dos mais variados tipos: lojas de roupa, acessórios e calçados, eletrodomésticos, supermercado, perfumaria, farmácias, locadora de filmes, sorveteria, lanchonete, agência bancária. Em meio a essa concentração de estabelecimentos, apenas uma residência se faz presente, evidenciando o caráter comercial da área.

Internamente a praça apresenta muitos mobiliários urbanos, a se destacar o coreto, a fonte e as bancas de revista, que não constam nas demais praças centrais. Também é importante destacar a igreja, símbolo histórico da cidade. Já a vegetação da praça pode ser resumida em:

- Gramados em todas as áreas não passeáveis e arbustos em parte significativa dos canteiros;
- Árvores de médio porte em grande parte das áreas interioranas e por toda sua área perimetral, com exceção da zona situada ao leste;
- Árvores altas e de grande sombreamento presentes principalmente no interior da praça e em sua porção leste.

3.2 Praça Coronel Orlando

Localizada na coordenada 20°43'09.6"S e 47°53'07.8"W, com área interna de 9450 m², esta praça possui formato retangular e, baseado em Robba e Macedo (2003) sua arquitetura

pode ser caracterizada como clássica devido ao seu passeio perimetral, seus canteiros geométricos e a simetria entre as demais estruturas que compõem a praça (Figura 4).

Figura 4 - Praça Coronel Orlando



Fonte: AMARAL, P. H. M. (2022)

O entorno dessa praça é caracterizado, em ordem quantitativa decrescente, por:

- Residências antigas,
- Locais prestadores de serviços como: escola de ballet, escola de computação, escola de inglês, posto de gasolina, agência dos correios e escritório de advocacia
- Edificações institucionais: prefeitura

Internamente, este local apresenta muitos mobiliários, a se destacar o ponto de ônibus e o Tribunal de Justiça, como mais notórias características estruturais da praça. Em relação aos aspectos relativos à vegetação, verificam-se:

- Gramados em todas as áreas que não sejam destinadas ao passeio;
- Árvores de grande porte, sendo algumas delas bem antigas e com tronco e copa grandes, principalmente nas áreas centrais dos canteiros;
- Árvores de médio porte por toda a praça.

Sua história está intimamente ligada à da cidade, visto que em tempo passados era tida pela população como o ponto mais poético, devido a sua harmoniosa forma, com lagos e caminhos onde os cidadãos se encontravam para passear e conversar (Figura 5)

Figura 5 - Praça Coronel Orlando em 1931



Fonte: (JUNQUEIRA, 1999, p. 89)

3.3 Praça São José

Este espaço público urbano localizado na área central da cidade desde seu surgimento se relacionou quase que estritamente às atividades religiosas da igreja que está em seu interior, responsável inclusive pela nomenclatura da praça. Sua localização precisa é de $20^{\circ}43'14.2''S$ e $47^{\circ}53'14.5''W$, apresenta formato retangular uma área de 9450 m^2 . Seu estilo paisagístico segue a linha clássica, perceptível ao observar sua simetria construtiva, passeio perimetral, grande quantidade de áreas permeáveis, canteiros geométricos e ponto focal na área central, neste caso o templo religioso (Figura 6).

Figura 6 – Visão parcial da Praça São José



Fonte: AMARAL, P. H. M. (2022)

Seu entorno também se distingue muito das demais praças centrais por possuir uma grande maioria de estabelecimentos residenciais e alguns estabelecimentos comerciais (minoria) como: empresas de telecomunicação, sapataria, escola particular, clínica de fisioterapia e uma pequena área militar.

Internamente apresenta poucos mobiliários e equipamentos, com destaque somente para a Igreja São José e para a vegetação, elemento fortemente presente e de grande funcionalidade estética e ambiental para o local. Nesse sentido a vegetação pode ser especializada em:

- Gramados por todas as áreas não destinadas para a circulação de pedestres e automóveis;
- Árvores de médio porte próximas aos vértices internos da igreja;
- Árvores de grande porte e com grande quantidade de sombreamento tanto na área à nordeste quanto na área à sudeste da praça.

Realizada a apresentação da área de estudo, com uma caracterização breve sobre os elementos presentes, seu surgimento e estrutura arquitetônica, realizaremos, no próximo capítulo, uma análise dos mobiliários presentes nas praças pesquisadas.

4. OS MOBILIÁRIOS DA PRAÇA E OS USOS: Uma análise geral

Tendo em vista a metodologia de análise multicategórico proposto por Milton Santos, analisaremos neste capítulo as relações que os mobiliários e equipamentos presentes nas praças e suas relações com os usos que são feitos dessas pois, conforme aponta Gomes (2006) “o espaço público deve ser compreendido como o conjunto indissociável das formas com as práticas sociais”.

Na análise realizada focamo-nos em mobiliários, que de acordo com Ferrara (2004, p.240) são:

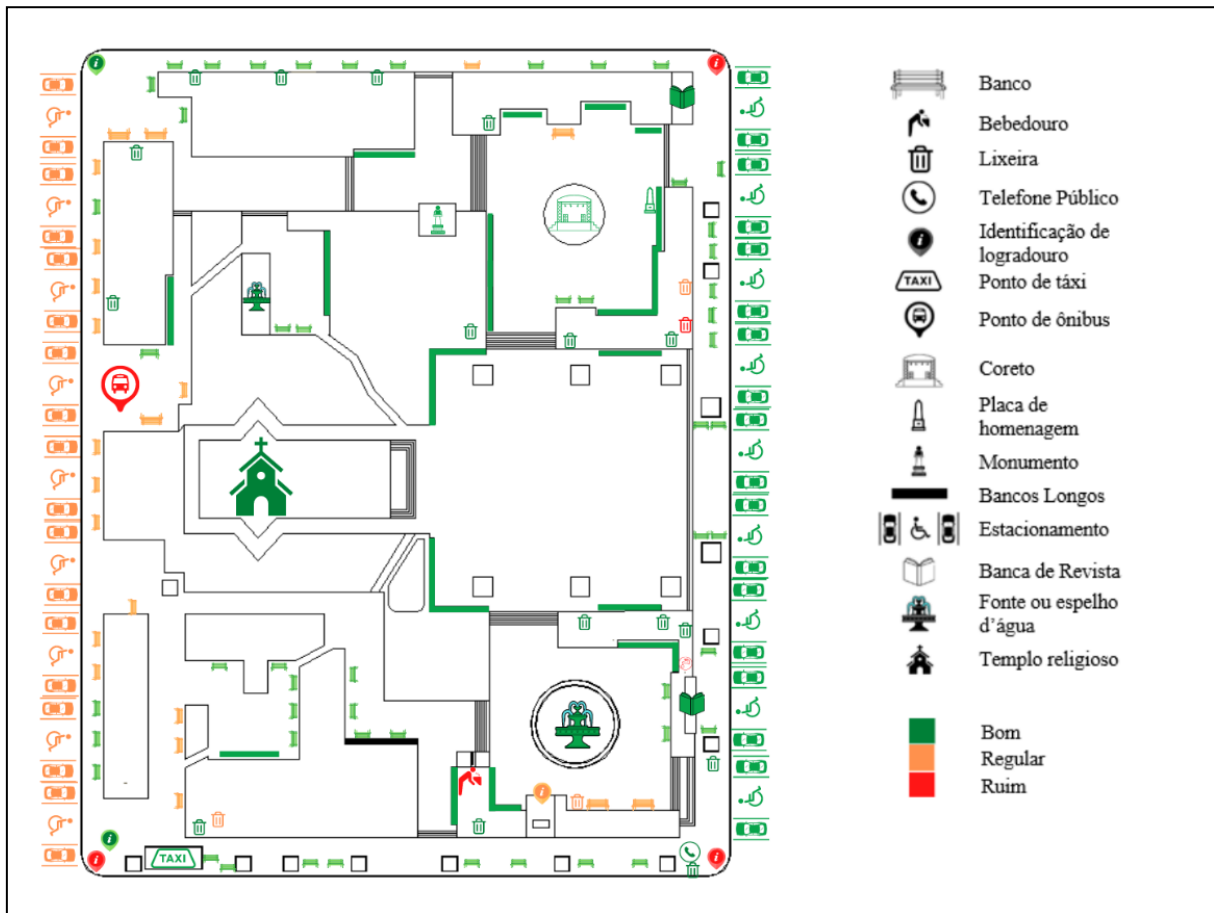
Conjunto de elementos materiais localizados em logradouros públicos ou locais visíveis desses logradouros e que complementam as funções urbanas de habitar, trabalhar, recrear e circular: cabines telefônicas [...] postes, torres, abrigos e pontos de parada de ônibus, bebedouros, sanitários públicos, monumentos, chafarizes, fontes luminosas etc. (FERRARA, 2002, p. 240).

A partir de tais considerações assumiremos os mobiliários enquanto junção da *forma* à *função*, permitindo-nos analisar duas categorias chaves para a interpretação destes espaços públicos, posteriormente contextualizando tais análises em relação à estrutura social atual e as modificações destes locais ao longo do tempo – passado e presente.

4.1 Praça Mario Furtado

De maneira geral, os mobiliários dessa praça são muito bem conservados (Figura 7), quase que a totalidade das formas analisadas não se apresentam desgastadas pelo tempo, dispondo de uma qualidade concreta semelhante à de tempos atrás. Especificamente, apenas alguns mobiliários se encontram desgastados, quebrados ou sem uso algum, como é o caso da maioria das placas de identificação de logradouro, do ponto de ônibus e do bebedouro.

Figura 7 - Qualidade dos mobiliários da Praça Mario Furtado



Elaborado por: AMARAL, P. H. M. (2022).

Em relação às funções verifica-se que parte significativa dos mobiliários assumiram outras destinações de uso com o passar do tempo. Como exemplo podemos citar o coreto, que em tempos passados era largamente utilizado por bandinhas e outros conjuntos para apresentações, sendo um atrativo para os cidadãos frequentarem a praça, porém hoje em dia sua forma é mais utilizada como uma área de lazer para crianças que brincam na praça durante a noite e por moradores de rua que por vezes se abrigam no local durante o dia.

O mesmo acontece com o ponto de ônibus, que devido à fatores externos – a desativação da linha que passava pela praça – está sendo utilizado com outras funções muito menos significativas do que aquelas para as quais fora criado. Os frequentadores utilizam este mobiliário urbano apenas para descanso, devido à sombra fornecida em alguns horários do dia, ou em dias chuvosos, onde este serve de abrigo.

Já os bebedouros desta praça se encontram completamente abandonados (Figura 8), sem funcionamento, ou seja, não exercendo a função para a qual foram criados. Isso gera um desconforto em grande parte da população, pois de acordo com as enquetes, um total de 26%

dos respondentes destacou a melhoria ou instalação de bebedouros como uma das principais mudanças necessárias à praça. No caso dos bebedouros o descaso ao mobiliário é drasticamente prejudicial à praça, pois ao contrário do coreto e do ponto de ônibus que podem assumir novas funções, este não se adapta para outros usos, transformando-se em um equipamento sem utilização dentro deste espaço.

Figura 8 - Bebedouro desativado na Praça Mario Furtado



Fonte: AMARAL, P. H. M. (2022).

Outro conjunto de formas que estão prejudicando as praças atualmente são as identificações de logradouro. Por se tratar da praça mais movimentada da cidade, de maior importância social, econômica e cultural, esta praça deveria conter identificações que contribuíssem para destacar tal valor a praça, mas não é isso que é verificado na realidade, a grande maioria de suas placas de identificação se encontram em péssimo estado, não sendo possível ler o que está escrito ou até mesmo com a ausência da placa de identificação em locais onde tal placa existia.

Um ponto de destaque na praça é o conjunto de bancos que se encontram em perfeito estado de conservação, sendo o principal mobiliário utilizado na praça. No croqui acima, aqueles classificados como regulares apenas estão nessa categoria pela falta de sombreamento, que prejudica seu pleno proveito (Figura 9).

Figura 9 - Bancos expostos na Praça Mario Furtado



Fonte: AMARAL, P. H. M. (2022).

Mesmo não sendo tão evidenciadas nas enquetes, as formas que fazem uso da água como elemento estético na praça - fonte e lago artificial - contribuem significativamente para o embelezamento deste local (Figura 10). Além disso, tanto o monumento quanto a placa de homenagem presentes na praça enquanto formas, cumprem com sua função esperada, servindo de fator agregador para a paisagem dessa praça.

Figura 10 - Fonte da Praça Mario Furtado



Fonte: AMARAL, P. H. M. (2022).

Os estacionamentos da praça é algo que se destaca, sendo talvez os mais utilizados (mas não tão evidenciados nas enquetes) e mais significativos para a dinâmica urbana do centro e da cidade. Sua porção oeste oferece muito conforto térmico para os automóveis pois é bem sombreada, sendo o principal ponto de parada de carros na área central da cidade. Além disso, sua porção leste também oferece muitas vagas de estacionamento, porém sem a presença de grandes árvores auxiliares para controlar a temperatura interna dos carros, mesmo assim estas estão plantadas e em fase de crescimento, ou seja, no futuro essa parte do estacionamento também se caracterizará como extremamente benéfica para os automóveis, o que aprimora a vinda de pessoas para a praça, bem como sua circulação posterior ao estacionamento dos veículos.

Com relação aos estabelecimentos particulares presentes nessa praça, todos eles se encontram em bom estado de conservação, suas formas pouco foram modificadas e suas funções permanecem as mesmas com o passar do tempo, porém notoriamente com menos intensidade. Apesar de presentes na praça e importantes em sua dinâmica social, na presente pesquisa não pesquisamos se há ou não algum aspecto legal que regula a presença dessas estruturas no espaço público.

No caso das duas bancas de revista presentes na praça é perceptível a baixa procura por parte de clientes, fato justificável pelo aparecimento de novas formas de acesso à informação que se tem na atualidade, ou seja, a função dessas bancas está sendo prejudicada pelo modelo atual de sociedade, a estrutura social dos dias atuais é mais atraída por noticiários virtuais, sites e mídias sociais do que ir ao encontro físico de tais leituras.

O ponto de táxi é outro elemento que foi perdendo funcionalidade com o decorrer do processo de modificação sociotecnológica, pois além de perderem clientela para mototaxistas, estes competem com os aplicativos de mobilidade, muito mais acessíveis do que os pontos fixos de táxi e que se fazem presentes na cidade no atual momento.

Outro aspecto que carece de melhoria nessa praça são os caminhos (Figura 11). Mesmo não tão evidenciados nas enquetes de opinião, em quase metade de sua totalidade estes foram classificados como regulares devido a presença de gramas surgindo entre a pavimentação portuguesa, além da irregularidade altimétrica do terreno, apresentando buracos e elevações repentinas ao longo dos caminhos. Alguns caminhos também não permitem um passeio livre da população, pois encontram barreiras físicas que não possibilitam aos transeuntes atravessar para o outro lado.

Figura 11 - Caminhos e mobiliários para iluminação da Praça Mario Furtado

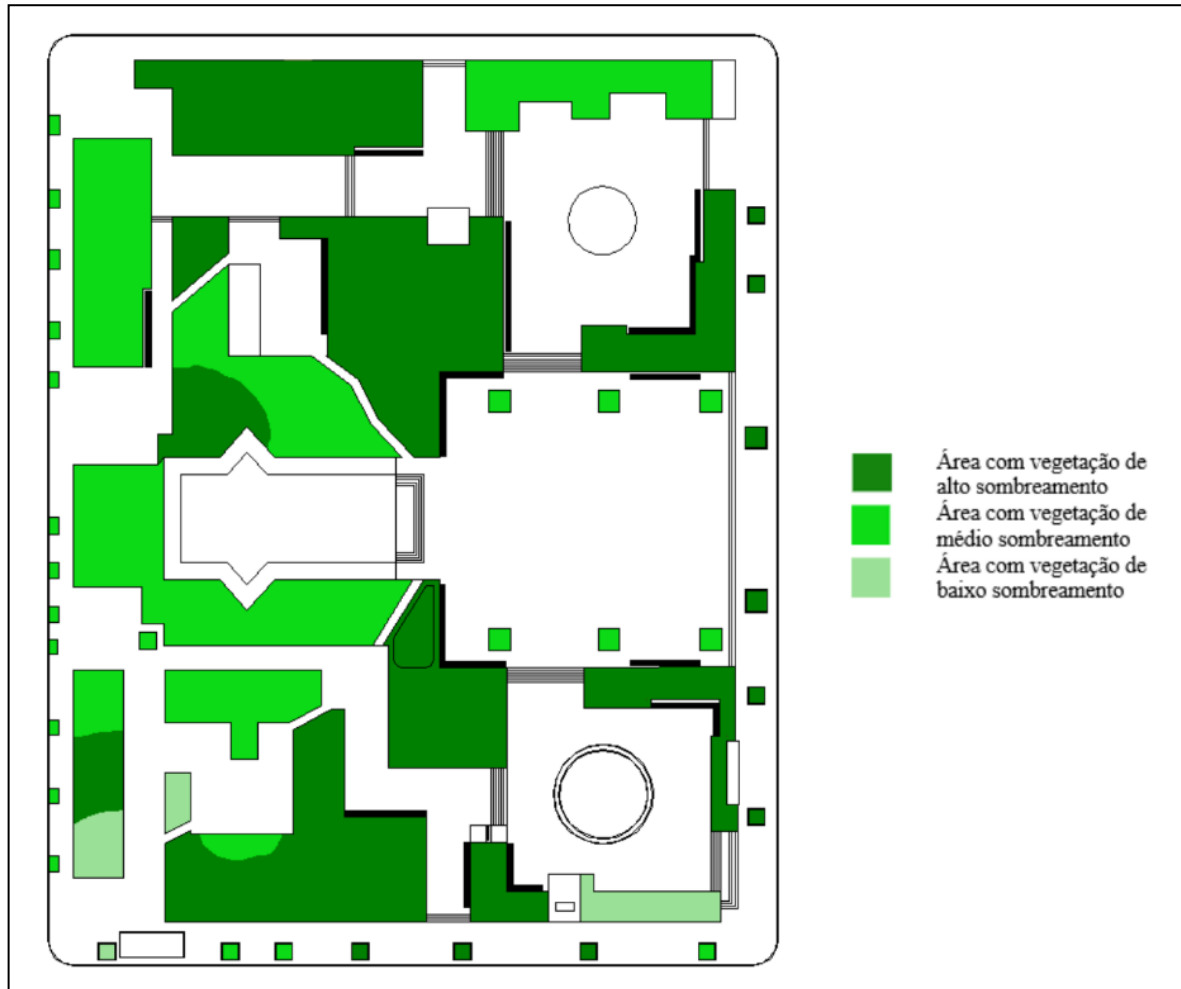


Elaborado por: AMARAL, P. H. M. (2022)

A iluminação da praça é um elemento positivo, sendo bem abrangente e praticamente não deixando pontos escuros dentro da praça. Isso é favorável até mesmo para a segurança do local, fator que influencia diretamente a presença ou ausência de usuários na praça, principalmente as famílias que frequentam as praças nos fins de semana à noite.

A vegetação da praça é bem satisfatória, proporcionando uma sensação amena durante o dia e não sendo prejudicial para a iluminação durante a noite (Figura 12), além de ser um atrativo para a população, que caracteriza este elemento como agradável nas praças públicas centrais da cidade.

Figura 12 - Sombreamento proporcionado por árvores na Praça Mario Furtado



Elaborado por: AMARAL, P. H. M. (2022).

Em uma análise geral a Praça Mario Furtado está em um bom estado com relação às suas formas internas, se mostrando intactas ao desgaste do tempo. Sua função como um todo pode ser classificada evidentemente como social, pois é palco das mais diversas manifestações culturais da cidade, do encontro com os amigos, de passeio com as crianças e como local de ligação entre estabelecimentos comerciais.

Quanto à estrutura social atual, essa pouco afetou a plena utilização desta praça em específico, figurando este espaço como um dos mais (se não o mais) importante da cidade de Orlandia, pois ainda é largamente utilizado em finais de semana e em eventos especiais, sendo o local de encontro de todos, mesmo com os novos estilos de vida, de relações e de consumo da sociedade contemporânea.

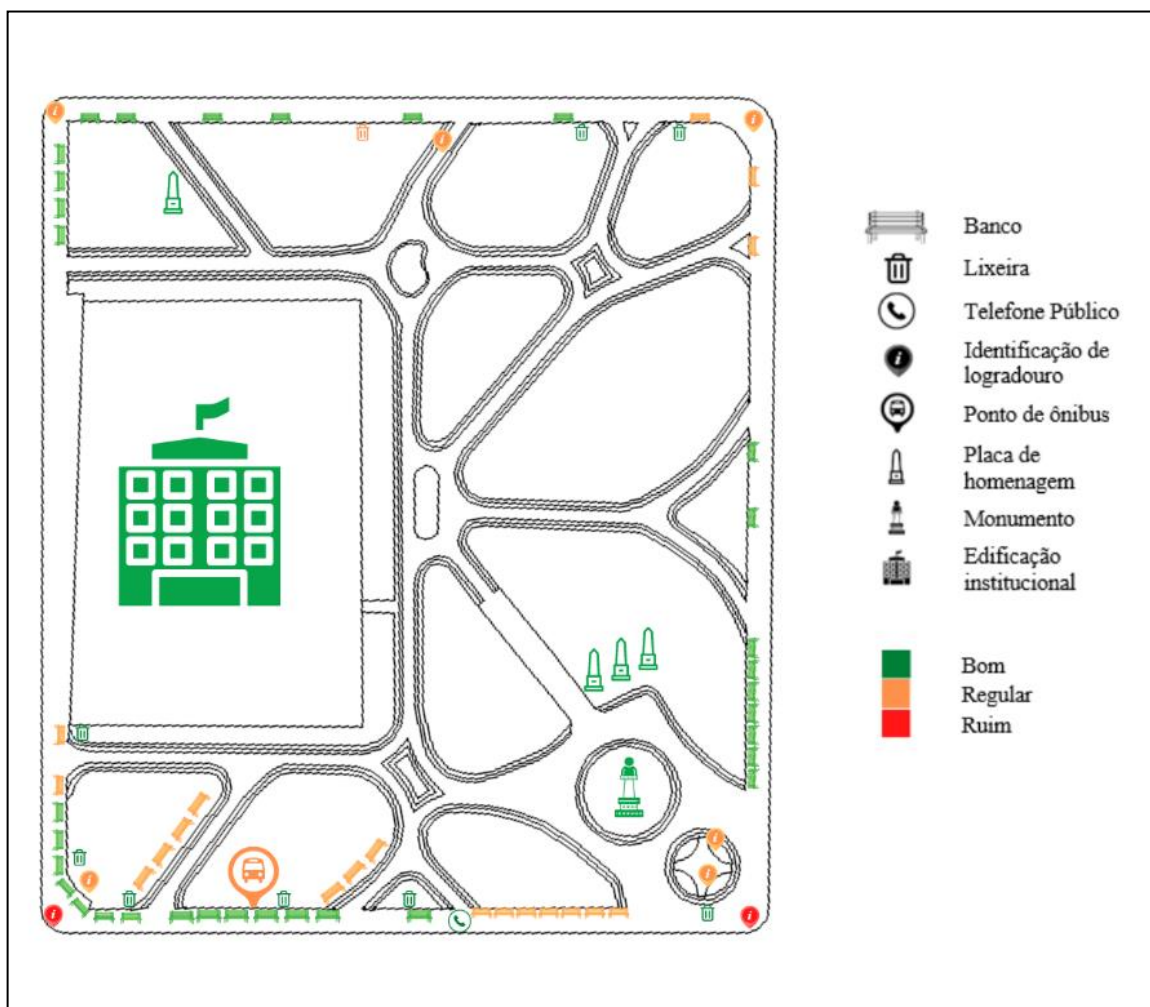
As formas materializadas nessa praça em tempos passados, hoje em dia ainda são utilizadas, ou para o mesmo motivo ou ganhando novos significados, novas funções e usos.

Dessa maneira, este local pode ser até mesmo classificado como um espaço que resiste às mudanças da contemporaneidade, sobretudo por pertencer a uma pequena cidade, onde as relações interpessoais ainda resistem, em detrimento dos avanços nas relações virtuais da atualidade na cidade contemporânea. Além disso, soma-se o fato de que a cidade não possui tantos atrativos alternativos à população, sobretudo as de classe média e alta, como, por exemplo, a presença de *shoppings centers*.

4.2 Praça Coronel Orlando

Esta praça detém uma boa infraestrutura, possuindo formas que apesar de estarem em baixa quantidade, estão em um bom estado de conservação. A única exceção no quantitativo de formas é em relação aos bancos, somando um total de 45, todos em bom estado de conservação, e em sua maioria posicionados em locais bem sombreados, com exceção daqueles posicionados na metade da porção sul da praça (Figura 13).

Figura 13 - Qualidade dos mobiliários da Praça Coronel Orlando



Elaboração: AMARAL, P. H. M (2022).

É perceptível a concentração destes bancos em torno do ponto de ônibus, visto que esse não suporta todo o contingente populacional, fazendo-se necessário que o poder público construísse mais bancos para comportar essa população. Porém, nota-se que aqueles posicionados nos caminhos que adentram a praça estão em uma situação regular, pois ao sentar-se neles os pés ficam tocando no chão de terra, motivo pelo qual foram avaliados como regulares (Figura 14).

Figura 14 - Bancos com condições de uso prejudicadas



Fonte: AMARAL, P. H. M. (2022).

O ponto de ônibus é o principal equipamento da praça toda, pois as outras praças centrais não oferecem esse serviço, mesmo assim este mobiliário não possui a qualidade que deveria. Nos dias comuns, ensolarados, é possível que se faça pleno proveito deste mobiliário, com a forma servindo perfeitamente para a função requerida, porém nos dias chuvosos sua cobertura não oferece abrigo, sendo necessário com que a população utilize guarda-chuvas mesmo estando embaixo de um teto (Figura 15).

Figura 15 - Ponto de ônibus em dia chuvoso na Praça Coronel



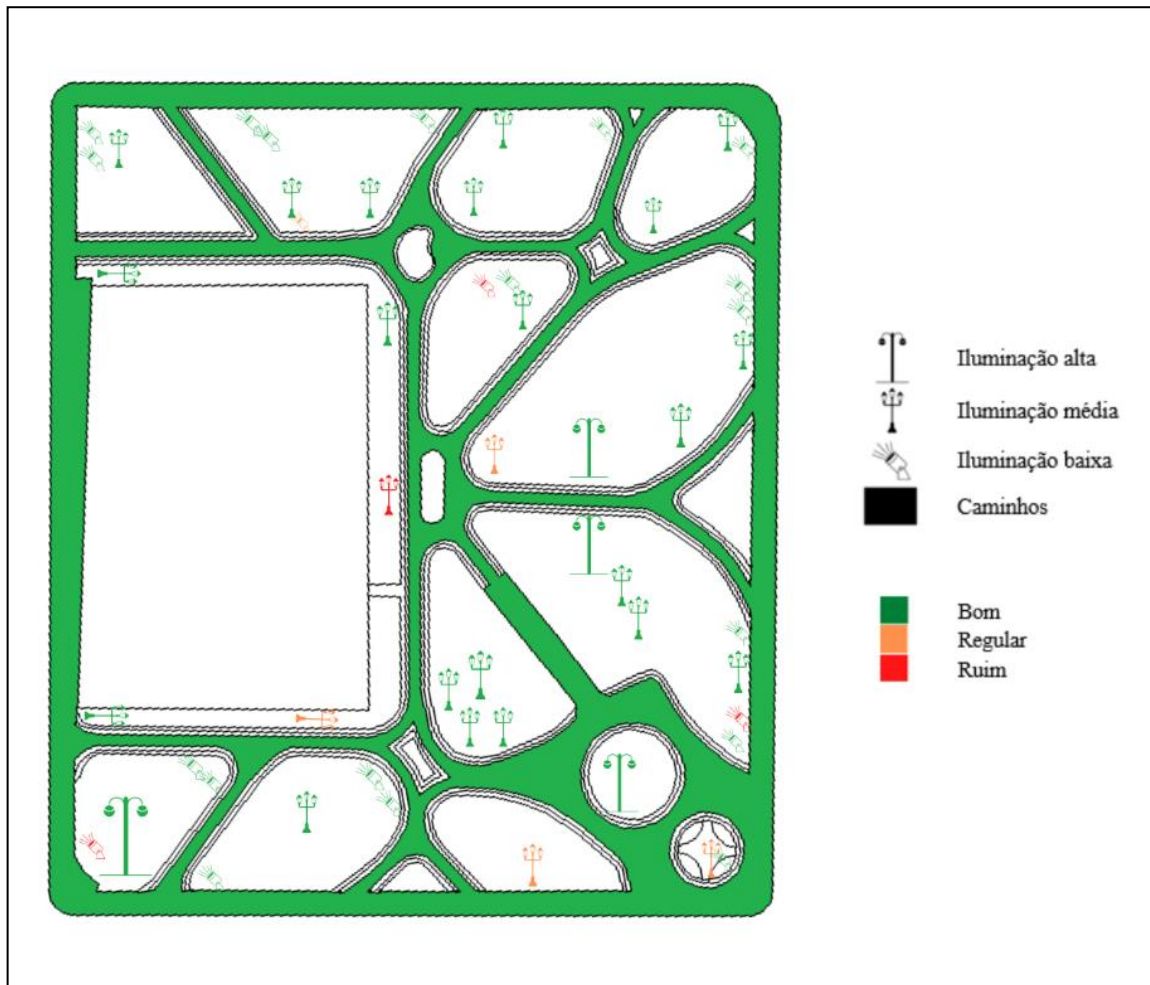
Fonte: AMARAL, P. H. M. (2022).

As identificações de logradouro estão em um estado aceitável, sendo possível ler o nome das ruas e da praça sem tanto esforço, porém com alguns inseridos muito internamente na praça, dificultando a identificação à certas distancias. Suas lixeiras também oferecem uma qualidade mediana, porém com uma distribuição irregular, acumulando-se em alguns pontos e deixando faltar em outros, como é o caso da porção leste da praça, que não conta com nenhuma lixeira.

Os monumentos e placas de identificação e placas de homenagem estão em perfeito estado, sendo talvez os mobiliários mais notórios da praça, que mesmo despercebidos na avaliação por parte da população, todos reconhecem sua existência e já pararam para observar tais obras, ou ler tais placas.

Seus caminhos são os melhores entre todas as praças centrais e, talvez, até mesmo da cidade, devido à repavimentação que aconteceu no ano de 2021, concretando todos os caminhos e dando uma “nova cara” para a praça (Figura 16). Tal modificação na forma teve reflexos na função dessa praça, principalmente nas atividades noturnas, pois os jovens passaram a frequentá-la para consumir e conversar com os amigos.

Figura 16 - Qualidade dos Caminhos e iluminação na Praça Coronel Orlando



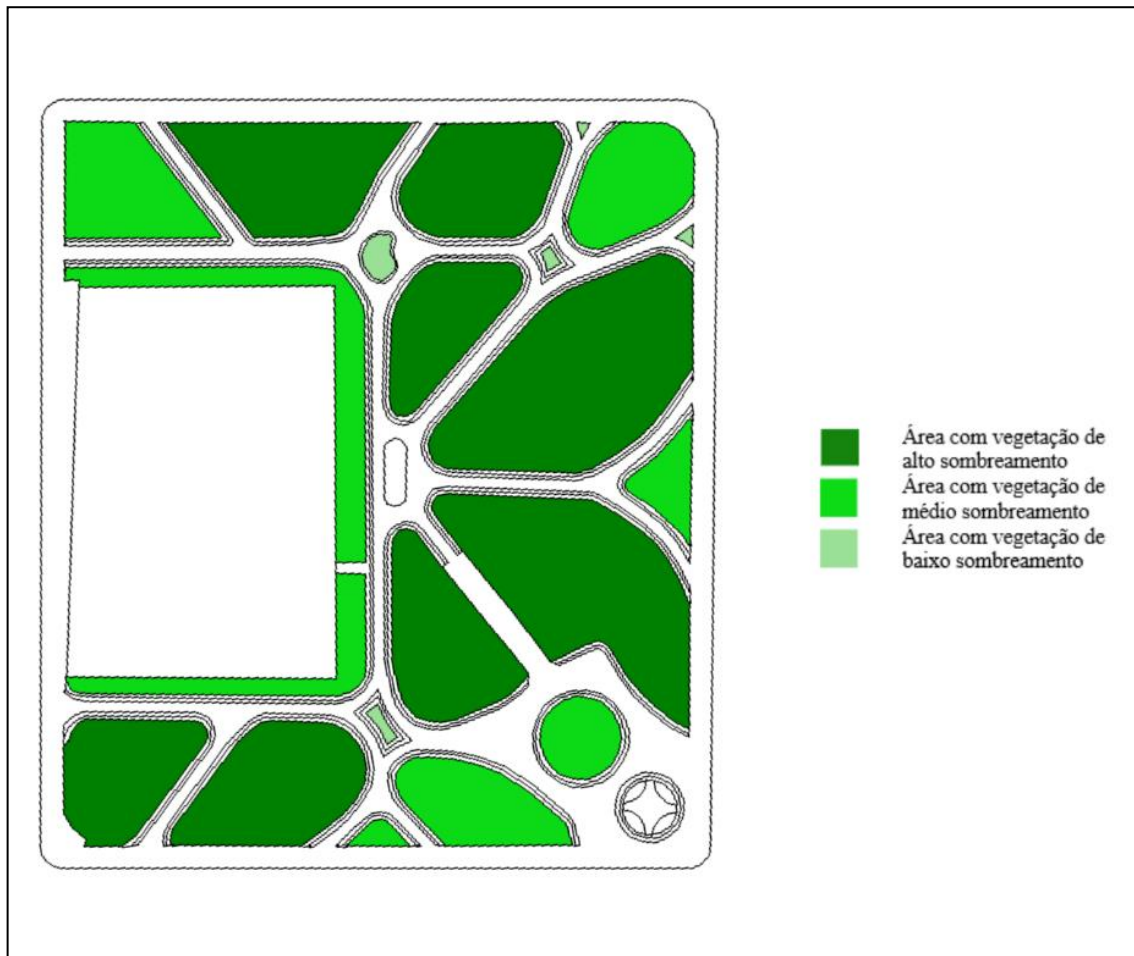
Elaborado por: AMARAL, P. H. M. (2022).

Porém, com a reforma na pavimentação tanto nossa análise como a opinião da população, apontam para a necessidade de mais incrementos na praça, de modo a melhorar o espaço para acolher mais a população carente de lazer.

A iluminação da praça é agradável e mesmo apresentando alguns postes com mau funcionamento, a grande quantidade de instalações para iluminação os cobrem e não deixam com que nenhum espaço fique às sombras, proporcionando uma maior segurança dentro da praça e sendo mais um dos motivos que estão atraindo a população para este espaço.

Já o sombreamento proporcionado pelas árvores da praça é agradável no geral (Figura 17), com uma vasta gama de árvores de grande porte, com bastante folhas e quantidade de sombra, somadas às árvores medianas presentes no entorno da edificação institucional presente. Contudo, verifica-se também a baixa presença de vegetação que proporcione sombra na parte sul-sudeste da praça. Fato que faz com que os bancos ali presentes sejam subutilizados.

Figura 17 - Sombreamento proporcionado pela vegetação na Praça Coronel Orlando



Elaborado por: AMARAL, P. H. M. (2022).

Essa subutilização dos bancos dessa porção da praça é mais um dos exemplos que retratam bem o entendimento do espaço em forma, função estrutura e processo. Em tempos um pouco mais antigos essa praça era utilizada para o passeio noturno e para a reunião de famílias e de jovens em encontros românticos durante a noite, que utilizavam frequentemente os bancos. Porém, com o tempo essa dinâmica foi perdendo espaço tanto para a outra praça como para a tendência geral de diminuição de encontros pessoais na atualidade, com isso as formas permaneceram ali, imutáveis, mas suas funções são outras, hoje essa área é muito mais utilizada para esperar o ônibus do que para as demais funções exercidas no passado. Assim sendo, os bancos posicionados ao sol não atendem com qualidade à essa espera, sendo que em outros tempos, cumpriam com suas funções noturnas com afinco.

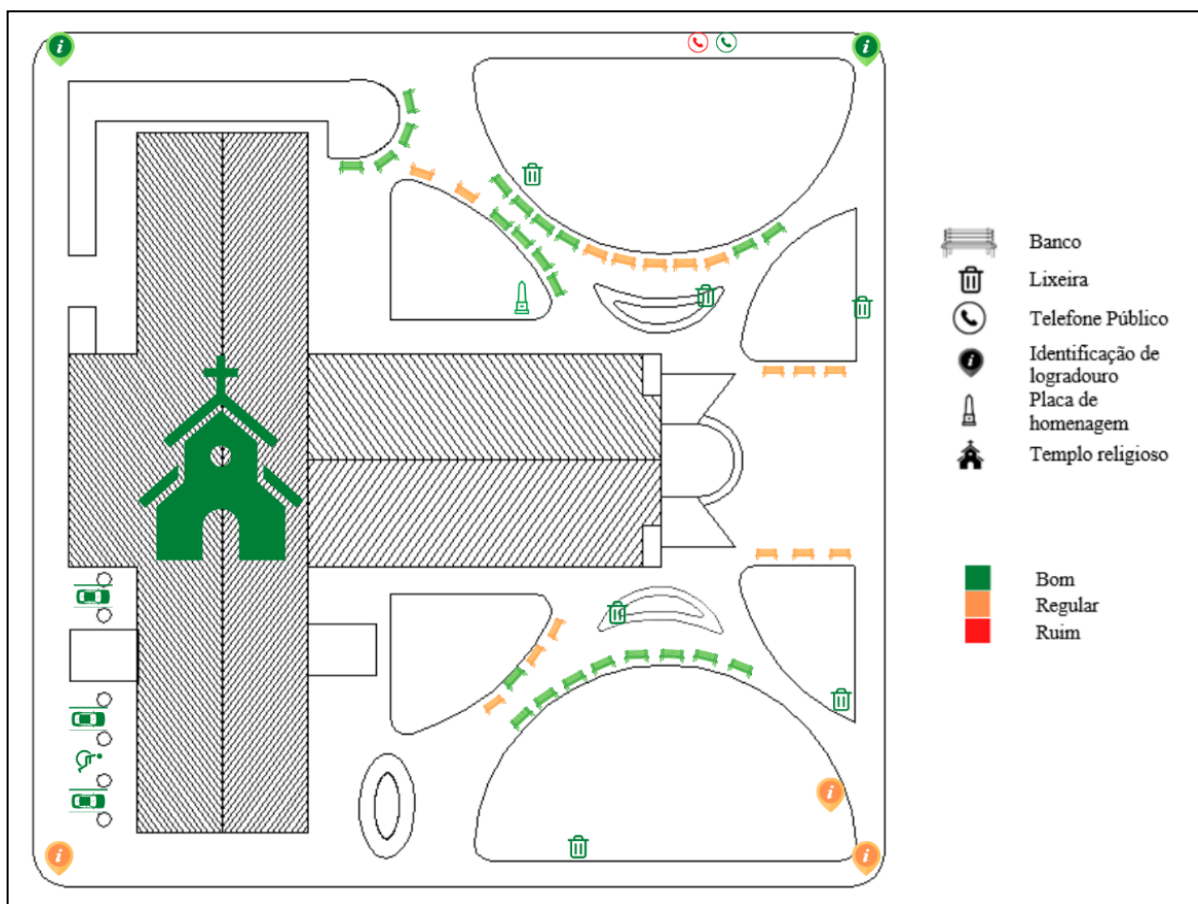
Em síntese, a Praça Coronel Orlando assume uma função mais estética e vem tentando se enquadrar às demandas da estrutura social vigente, readaptando-se da maneira que é possível

para não se transformar em uma praça que outrora fora arduamente frequentada, mas que caiu no esquecimento e no pouco uso.

4.3 Praça São José

Dentre as praças analisadas é a que menos apresenta mobiliários e equipamentos (Figura 18), tendo em vista a notoriedade do templo religioso que dá nome à praça, ocupando praticamente metade de sua extensão territorial.

Figura 18 - Qualidade dos mobiliários na Praça São José



Elaborado por: AMARAL, P. H. M. (2022).

Os bancos da praça estão em perfeito estado físico, mas praticamente metade deles se encontram localizados em áreas de baixo sombreamento, não permitindo com que a população venha se acomodar neles durante o dia. Além de não existir absolutamente nenhum banco na área perimetral da praça, que geralmente é a área mais utilizada nas praças para os usuários comuns se acomodarem em períodos noturnos.

As lixeiras da praça também retratam outro ponto de carência deste espaço, pois são equipamentos necessários para a conservação da praça e, nesta em específico, elas não estão em grande número. Já os logradouros nessa praça são um ponto positivo, pois apresentam formas que correspondem perfeitamente aos suas finalidades-funções e que ainda estão em bom estado de conservação.

Nessa praça verifica-se uma contradição em relação à conceituação que Robba e Macedo (2003) fizeram a respeito das praças, dizendo que estes eram espaços livres de veículos. Pois nessa praça, mais especificamente na porção sudoeste, nas “costas” da igreja, há um estacionamento dentro da praça, onde os religiosos podem deixar seus carros enquanto exercem suas atividades, demonstrando o poder que este grupo tem sobre a praça, caracterizando-a como território privatizado do espaço público (Figura 19).

Figura 19 - Estacionamento dentro da Praça São José



Fonte: AMARAL, P. H. M. (2022).

Em quesitos de iluminação esta praça é notoriamente a que mais apresenta falhas (Figuras 20 e 21), estando repleta de postes que se apresentam positivamente somente em quantidade, mas que em questão de funcionamento, são insuficientes, sendo impossível encontrar um poste em perfeito estado de funcionamento. Fator que contribui para que essa praça repila os usuários noturnos, pois a segurança daqueles que a frequentam fica altamente comprometida.

Todavia o templo religioso é completamente iluminado, contrastando-se com a praça numa mesma paisagem onde fica notório o espaço que realmente é destinado ao uso nesta praça, em detrimento ao espaço público que deveria ser de qualidade similar.

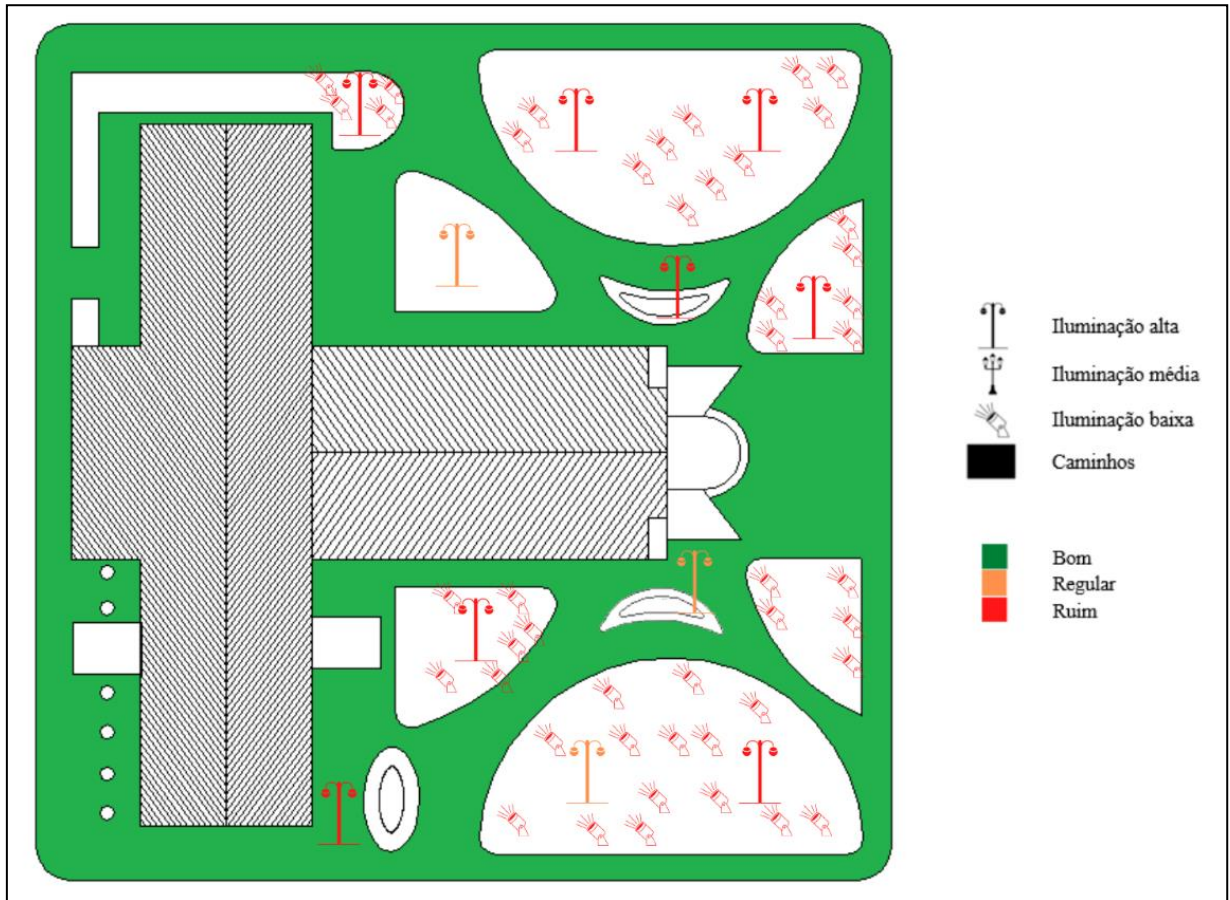
Figura 20 - Contraste luminoso na Praça São José



Fonte: AMARAL, P. H. M. (2022).

Seus caminhos, no entanto, são de boa qualidade (Figura 21), com uma pavimentação portuguesa que se estende por toda praça e é bem conservada, não permitindo com que plantas rasteiras nasçam e se desenvolvam nos buracos ao longo desses caminhos.

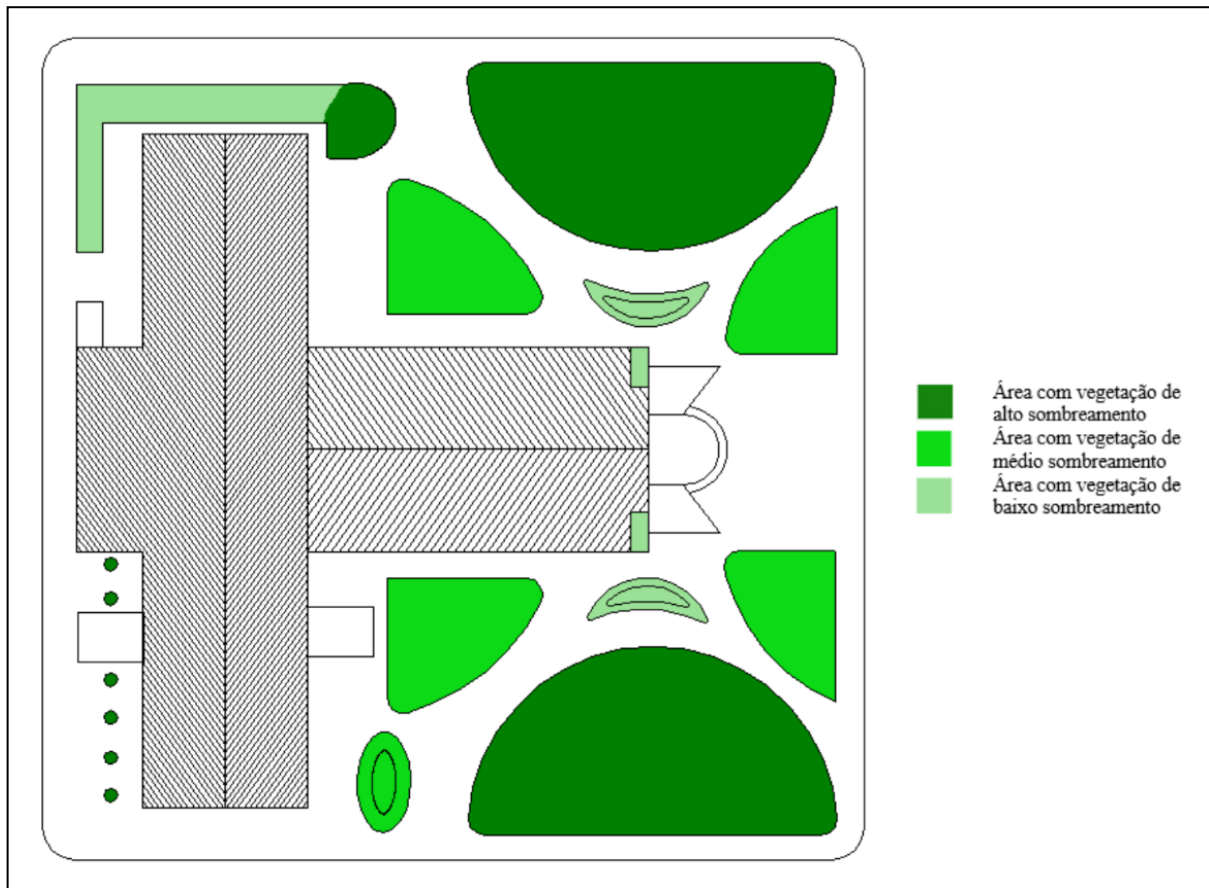
Figura 21 - Qualidade dos mobiliários de iluminação e caminhos na Praça São José



Elaborado por: AMARAL, P. H. M. (2022).

Sua vegetação é notoriamente planejada e se distribui simetricamente pela praça em quesitos de sombreamento, deixando áreas ao norte e ao sul com mais sombra e as áreas internas e ao leste com maior incidência solar (Figura 22), mas que não se configura como um dos principais motivos para a não utilização da praça durante o dia, até porque as áreas bem sombreadas – principalmente os bancos – são mais que suficientes para atender o público diurno do local.

Figura 22 - Sombreamento proporcionado pela vegetação na Praça São José



Elaboração: AMARAL, P. H. M (2022).

De modo geral, verifica-se nessa praça a predominância do templo religioso, seja em território, seja em apropriações do espaço total da praça. Tal dominância é destaca ao observar que enquanto o espaço interno do templo está em bom estado de funcionamento, as áreas adjacentes de pouco importam.

Não há nenhuma mudança estrutural com relação àqueles que frequentam tal espaço, nenhuma nova forma é acrescentada, de modo a evitar a inclusão da sociedade externa nesse ambiente mesmo este sendo público. Dessa maneira, a praça permanece inerte ao processo de mudanças socioespaciais, seja em formas por não incluir nenhuma nova e permanecer com as antigas sem dar novos usos, seja em funções por não terem atividades que incluam as necessidades atuais da cidade para com esse espaço.

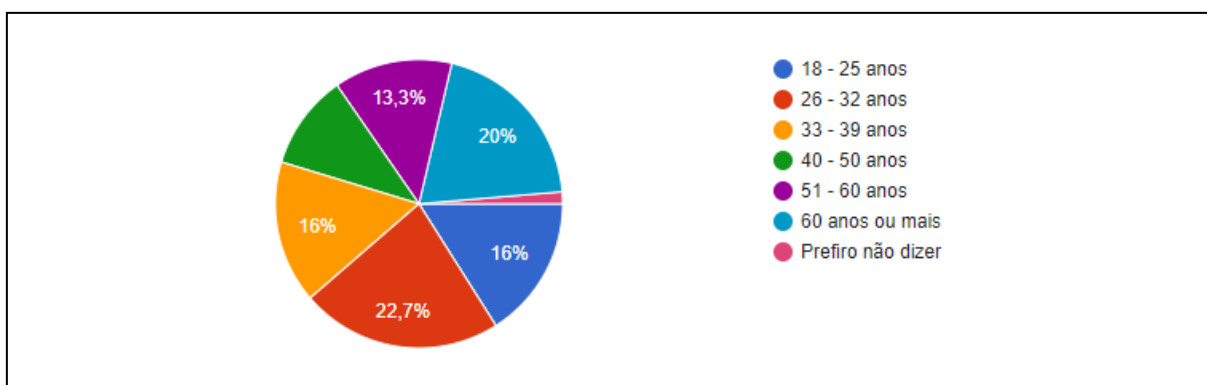
Realizada a apresentação e a avaliação dos mobiliários, trataremos, no próximo capítulo, apresentando os resultados das enquetes de opinião realizadas nestas áreas, possibilitando assim uma análise mais representativa acerca das práticas socioespaciais das áreas.

5. DANDO VOZ ÀQUELES QUE USAM O ESPAÇO PÚBLICO

Para além de uma mera observação empírica e avaliadora quali-quantitativa do pesquisador, passível de erros e incapaz de compreender toda a dinâmica do local estudado, trataremos agora a perspectiva dos usuários destes espaços públicos, com intuito de abranger ao máximo as dinâmicas presentes das praças públicas centrais, sobretudo as correspondentes aos mobiliários urbanos e seus usos cotidianos.

Tais resultados embasarão uma análise posterior que relacionará a opinião dos usuários e a análise do observador/pesquisador a respeito das praças como um todo e seus mobiliários, equipamentos e usos, tudo isso somado à metodologia miltoniana de análise do espaço baseada em função, forma, processo e estrutura. O gráfico 1 representa uma abordagem geral a respeito da faixa etária dos respondentes.

Gráfico 1 - Faixa etária dos usuários

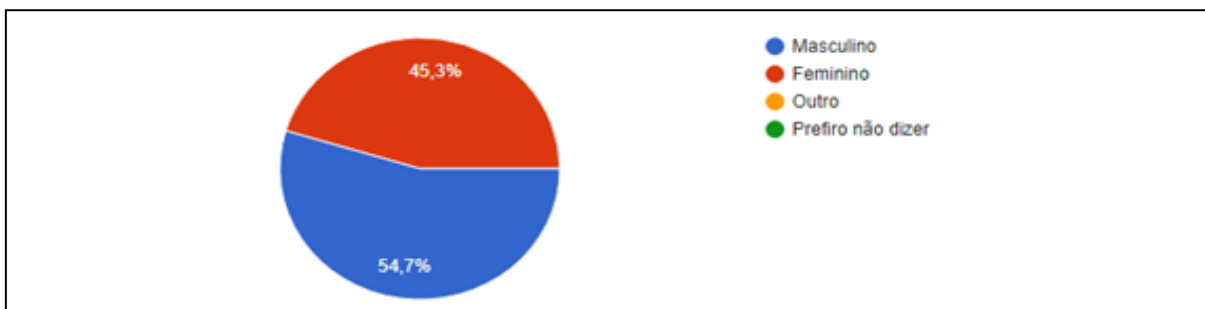


Elaboração: AMARAL, P. H. M. (2022).

Observando o gráfico 1 evidenciamos que as pessoas abordadas nas enquetes possuem diferentes faixas etárias, desde os mais idosos até os mais jovens. Apesar de frequentarem em dias e horários distintos este gráfico nos permite compreender a praça enquanto local acolhedor para todas as idades².

² A população menor de 18 anos não está representada pois a estratégia de levantamento da opinião dos usuários por meio das enquetes de opinião fora realizada apenas com maiores. Mesmo assim, em nossas observações empíricas verificou-se uma forte presença de menores, sobretudo crianças que vão passear com seus pais nos fins de semana, além dos adolescentes que usam a praça para encontros e consumo durante a noite.

Gráfico 2 - Percentuais relativos ao gênero dos usuários

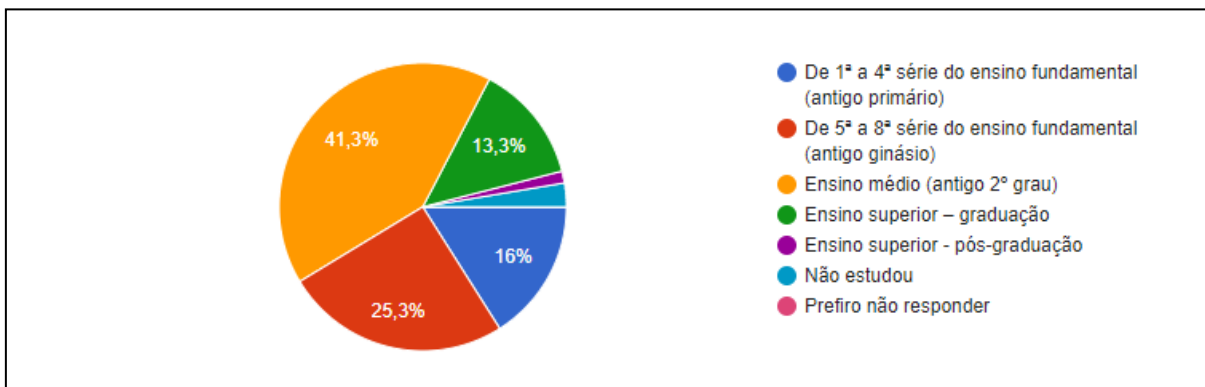


Elaboração: AMARAL, P. H. M. (2022).

Das pessoas que responderam a enquete de opinião destacamos que 54,7% são do gênero masculino, enquanto 45,3% são do gênero feminino.

Com relação à cor ou raça, as enquetes evidenciaram a frequência dessas praças para a população branca (52%), enquanto as populações preta e parda ficaram aquém da frequência de usos (25,3% e 22,7% respectivamente). Não foram entrevistadas populações autodeclaradas como amarelas ou indígenas. Em relação à escolaridade, essa se encontra sistematizada no gráfico 3.

Gráfico 3 - Escolaridade dos usuários



Fonte: AMARAL, P. H. M. (2022).

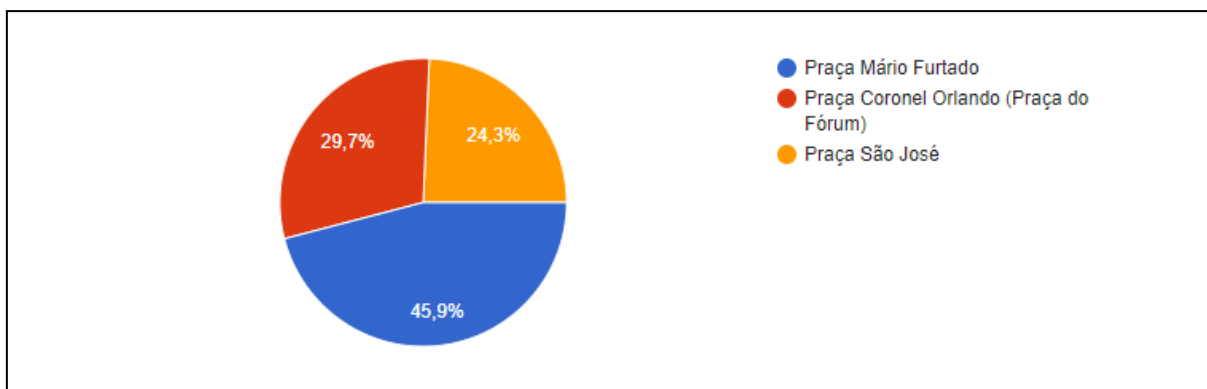
As pessoas que concluíram no mínimo o ensino básico, ou seja, ensino fundamental e médio (de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases sobre a Educação) correspondem a mais de metade dos usuários (55,9%), destes, 41,3% concluíram apenas o ensino médio, 13,3% o ensino superior e 1,3% a pós-graduação, enquanto 44,1% não concluiu o ensino básico.

Dessa forma, interpretamos que este espaço é altamente democrático, pois abriga população de diferentes níveis de ensino, desde os não letrados aos pós-graduados, perpassando por uma maioria concluinte do ensino básico ou ao menos de um ensino que possibilitou ler e escrever.

A respeito das praças propriamente ditas, a que apresentou maior utilização por parte dos usuários foi a Praça Mário Furtado, com 45,9% dos respondentes destacando como a mais utilizada por eles, seguida das praças Coronel Orlando e São José, com 29,7% e 24,3% respectivamente (Gráfico 4). Tal catalisação de usos na Praça Mário Furtado é justificada por ela estar situada em meio à comércios, responsáveis por atrair grande parte da população orlandina para compras e assim fazendo com que estes clientes circulem pela praça e, porventura, parem ali para descansar, conversar ou consumir.

Além disso, essa praça é a que possui maior atenção por parte do poder público acerca dos eventos e atrações culturais, fazendo com que a população mantenha o imaginário que ali é o ponto de encontro para as atividades públicas da cidade.

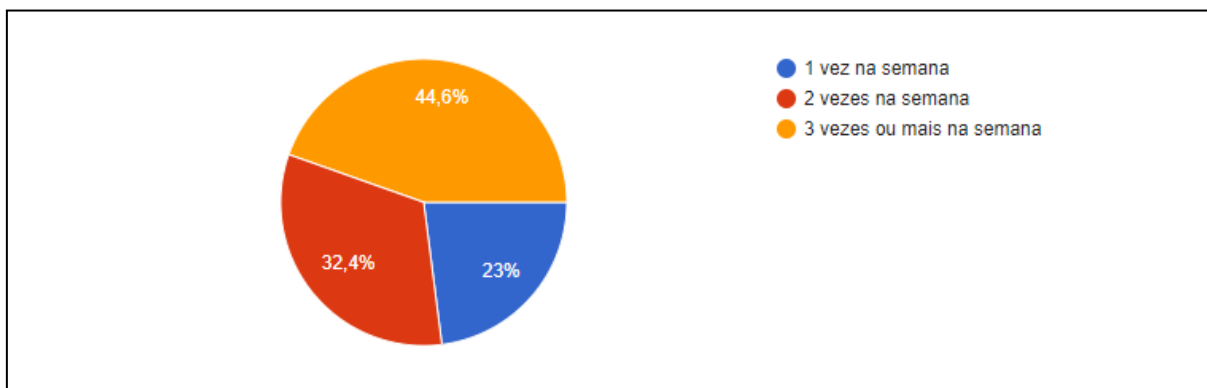
Gráfico 4 - Praças mais frequentadas



Fonte: AMARAL, P. H. M. (2022).

A número de vezes semanais que os respondentes utilizam a praça também variam de acordo com a população, faixa etária e motivações ao uso, esta informação está apresentada no gráfico 5.

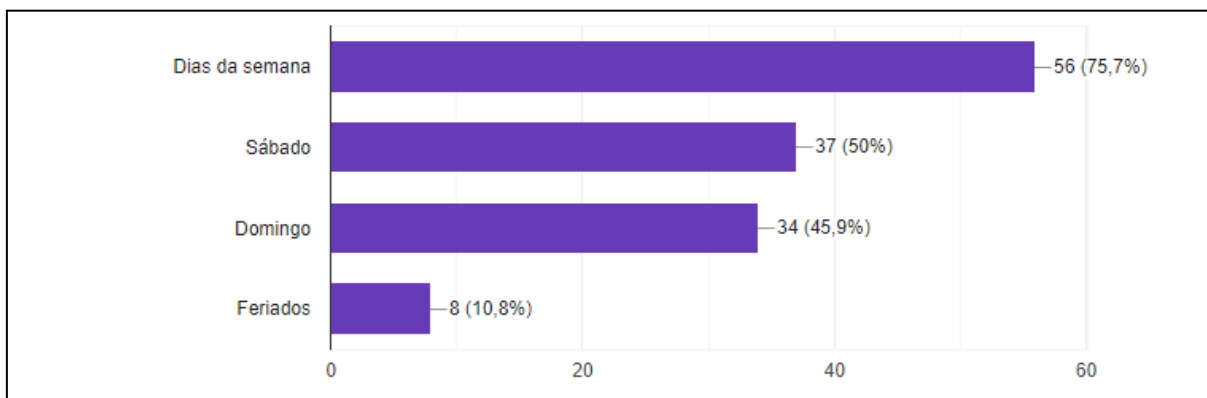
Gráfico 5 - Frequência de uso das praças



Fonte: AMARAL, P. H. M. (2022).

Aqueles que utilizam o espaço uma única vez na semana são 23% do total de entrevistados, os que utilizam duas vezes na semana são 32,4%. Já o uso assíduo da praça, destacado nas enquetes por “3 vezes ou mais na semana”, se dá por 44,6% da população, usuários que trabalham ou moram nos arredores das praças, de acordo com nossas análises empíricas e conversas informais

Gráfico 6 - Frequência de usos distribuídos nos diferentes dias da semana

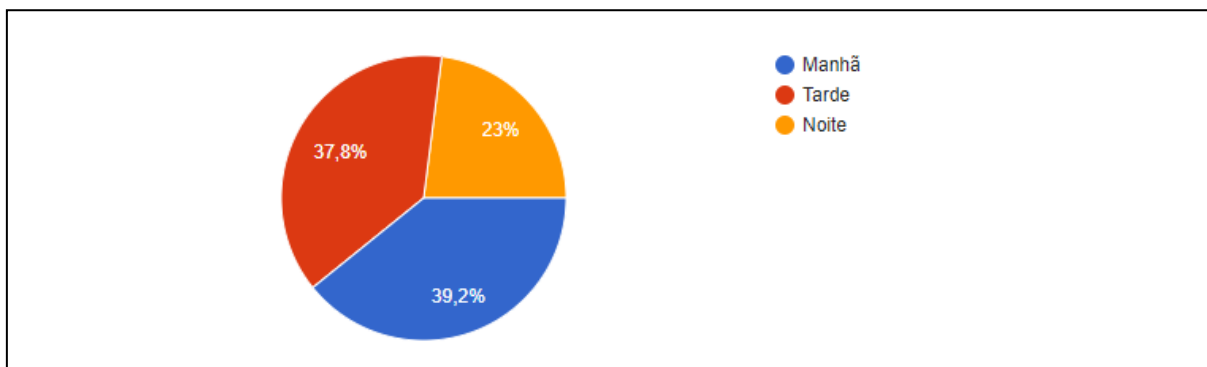


Fonte: AMARAL, P. H. M. (2022).

Em relação à diferenciação de dias da semana em que se utiliza as praças se percebe uma grande incidência de pessoas usuárias durante a semana (75,7%), tendo em vista a maior quantidade de dias abrangidos (5 dias de um total de 7), enquanto nos dias de sábado e domingo a frequência é moderada, quantitativamente justificado pela menor incidência em relação à semana (2 dias de um total de 7). Além disso, o maior índice de pessoas que frequentam a praça durante a semana também é justificado pela maior intensidade de fluxos relacionados ao trabalho e aos comércios existentes ao redor da praça.

Apesar dessa disparidade as atividades nos dias da semana são mais supérfluas, pois a praça é utilizada rapidamente e apenas para esperar um ônibus, descansar um pouco ou se deslocar, enquanto nos finais de semana estes usos são mais significativos, com atividades focadas no lazer e no convívio como, por exemplo, sentar-se para beber com amigos ou levar as crianças para brincar.

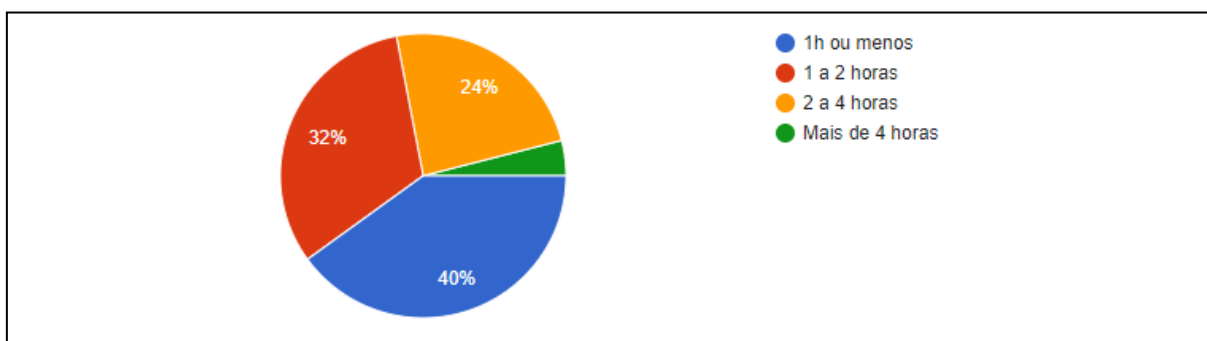
Gráfico 7 - Frequência de usos de acordo com o período do dia



Fonte: AMARAL, P. H. M. (2022).

Os períodos utilizados dizem muito sobre os usos que são feitos nas praças e se relacionam muito com os gráficos de “dias da semana” e “frequência de uso”. Os usos noturnos representam 23%, mesmo percentual correspondente aos usuários que utilizam as praças apenas uma vez na semana, evidenciando as atividades noturnas (como sair com amigos ou levar crianças para brincar nos fins de semana) enquanto eventos esporádicos. Já as atividades de meio de semana são majoritariamente diurnas, evidenciadas pelos semelhantes percentuais de 75,7% de “usos em dias da semana” do gráfico 6 e a frequência diurna (matutina e vespertina) do gráfico 7 que representa 77%.

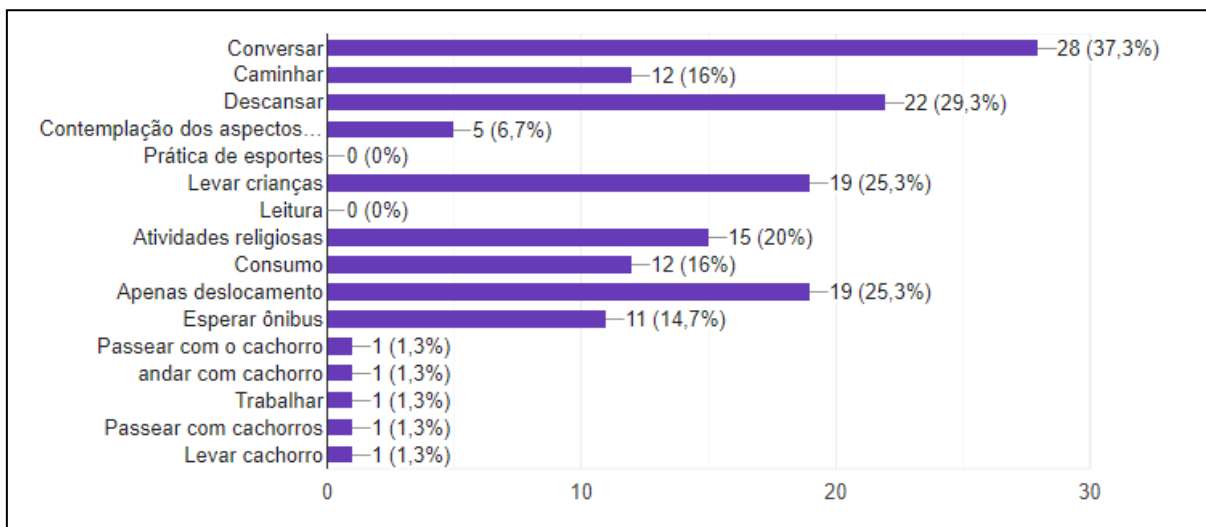
Gráfico 8 - Tempo de permanência médio dos usuários nas praças



Fonte: AMARAL, P. H. M. (2022).

O tempo que a população permanece na praça (Gráfico 8) é variado, porém a porção mais significativa da população (40%) utiliza as praças uma hora ou menos, enquanto os usos superiores a 2 horas correspondem a meros 28%, indicando que são espaços utilizados apenas para passagem ou breve descanso, ou seja, não são a atração principal do dia a dia urbano.

Gráfico 9 - Principais motivações para uso das praças



Fonte: AMARAL, P. H. M. (2022).

Dentre os principais motivos que leva essa população à praça³, destacam-se: conversar (37,3%), descansar (29,3%), caminhar (16%) levar crianças (25,3%), atividades religiosas (20%), consumo (16%), deslocamento (25,3%) e esperar ônibus (14,7%). Ressalta-se que por abranger as três praças na mesma enquete os dados não permitem com que os usos de cada praça sejam analisados individualmente. Todavia ao uni-los às análises empíricas podemos traçar caminhos comuns que correspondem à distribuição dessas motivações em cada uma das praças.

Por não possuir templos, a praça Coronel Orlando de nada contribui para as atividades religiosas, da mesma forma com que a praça São José não acrescenta motivações referentes à espera de ônibus, o mesmo acontece com a praça Mário Furtado, que apesar de possuir ponto de ônibus, não contribui nessa análise pois a linha que passa neste ponto fora desativada.

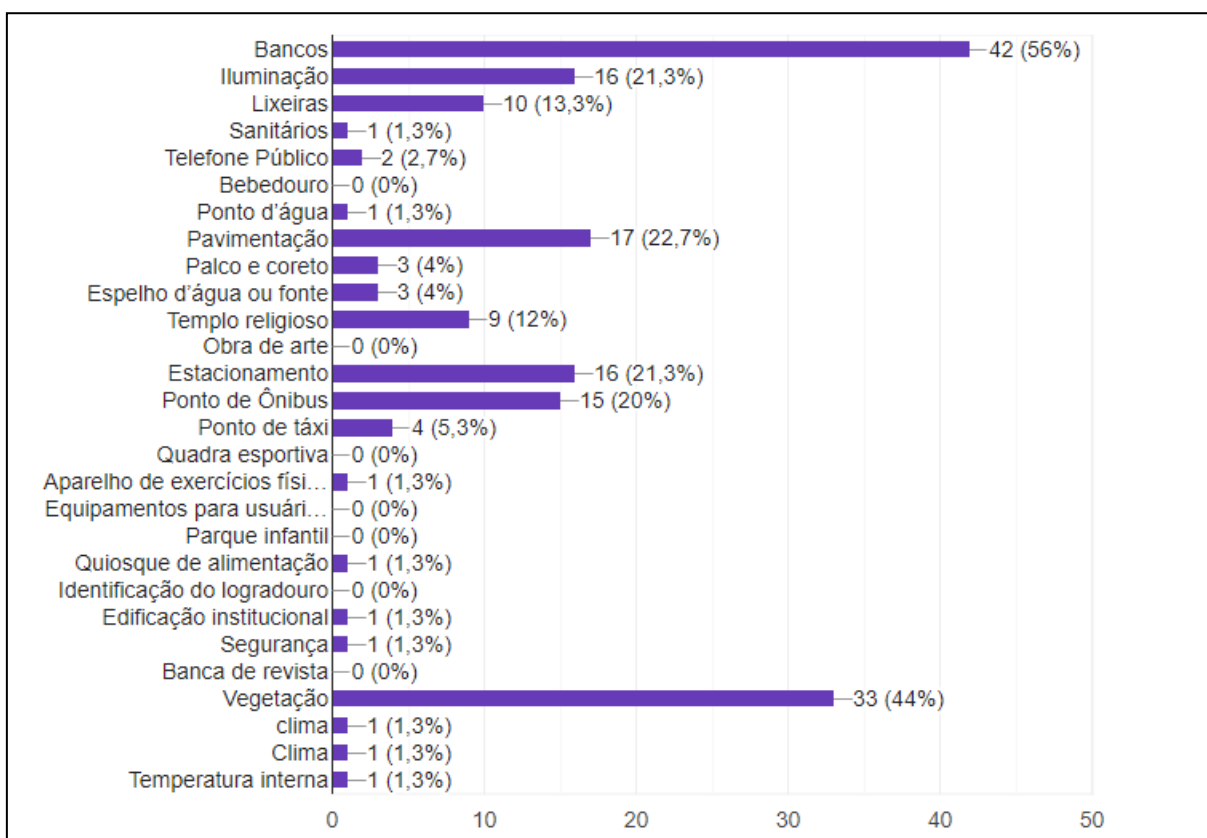
Dessa forma, temos a praça Mário Furtado enquanto ponto chave para conversar, levar crianças, consumo, deslocamento e descanso, caracterizando essa praça como multifuncional. A Praça Coronel Orlando é utilizada majoritariamente como ponto de espera para o ônibus, visto que as demais praças centrais não oferecem pontos de parada, além disso se tem nessa praça alguns usuários noturnos nos finais de semana, que focam suas atividades no consumo e na conversa. Já a Praça São José é responsável por quase todos os usos religiosos das praças

³ Ressaltando que os respondentes tiveram a oportunidade de selecionar até 2 (duas) opções de motivos para usar a praça, de modo a expandir a abrangência de usos na pesquisa.

centrais, pois o outro templo religioso presente no centro da cidade, especificamente na praça Mário Furtado, raramente é aberto para celebrações públicas.

Quando questionados sobre as estruturas que mais lhe agradam nas praças públicas (Gráfico 10)– podendo selecionar até 3 opções – a população destacou a qualidade dos bancos e da vegetação, com respectivamente 56% e 44% dos respondentes apontando-os como estruturas agradáveis nas praças. Além disso os usuários também apontaram que iluminação (21,3%), lixeiras (13,3%), pavimentação (22,7%), templo religioso (12%), estacionamento (21,3%) e ponto de ônibus (20%) também os agradam.

Gráfico 10 - Mobiliários e equipamentos presentes nas praças públicas que mais agradam os usuários

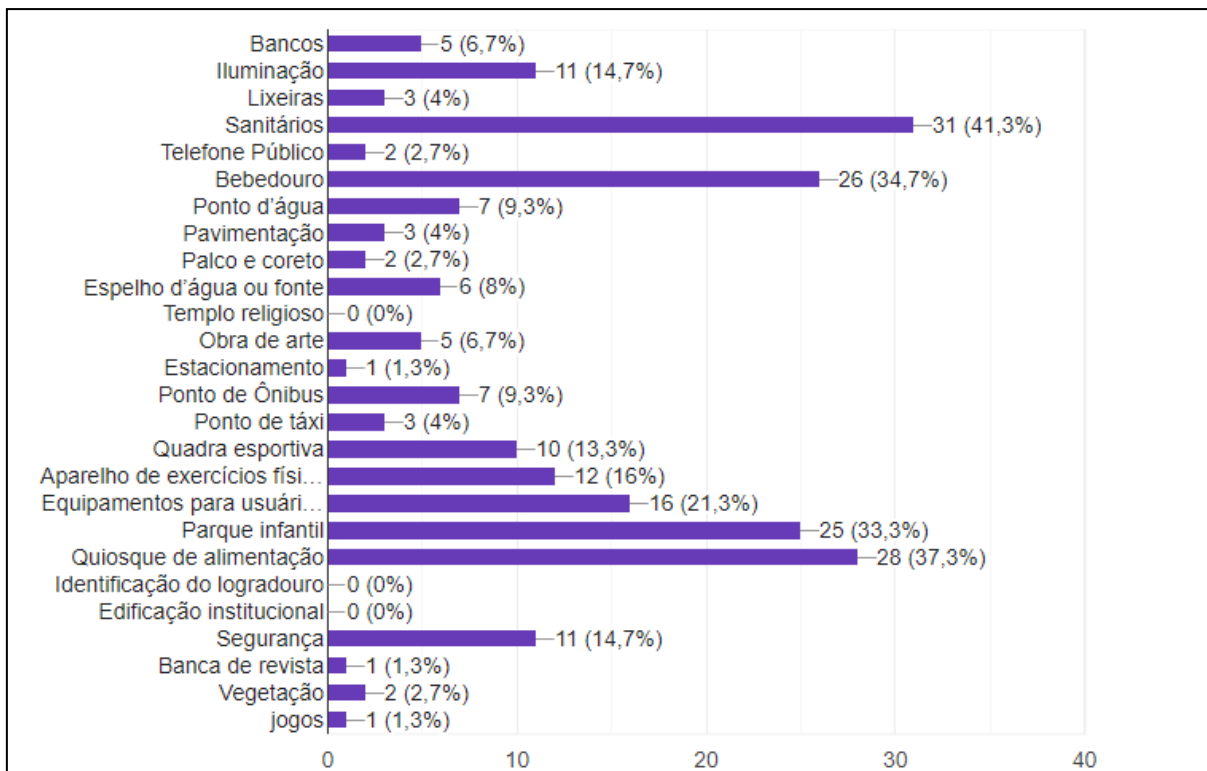


Fonte: AMARAL, P. H. M. (2022).

Entretanto, ressaltamos que estes dados podem não corresponder à real qualidade de tais mobiliários, pois alguns são mais utilizados e chamam mais a atenção como os bancos e a vegetação, enquanto alguns não chamam tanta atenção e não são lembrados na hora de responder a enquete como, por exemplo, a iluminação e a pavimentação, mesmo possuindo qualidade tão boas quanto as mais apontadas pela população. Por isso no capítulo seguinte,

apresentaremos nossa análise técnica de cada uma dessas estruturas, a fim de evitar análises superficiais.

Gráfico 11 - Mobiliários e equipamentos apontados como passíveis de melhoria ou implementação



Fonte: Própria

No geral, verifica-se uma maior carência da população em relação à instalação de sanitários (41,3%), bebedouro (34,7%), parque infantil (33,3%) e quiosque de alimentação (37,3%). Seguido de alguns apontamentos para melhorias na iluminação, ponto d'água, espelho d'água ou fonte, ponto de ônibus, que apresentam porcentagens um pouco menores. Ou até mesmo a instalação de obras de arte, quadra esportiva, aparelho de exercícios físicos e equipamentos para usuários da 3ª idade, que não constam em nenhuma das praças abordadas e que mesmo assim não tiveram índices alarmantes a respeito de sua implementação⁴.

⁴ Estas melhorias requeridas por parte dos usuários entrevistados serão melhor abordadas no último capítulo, onde serão feitos apontamentos para melhoria com base nessas enquetes e na análise técnica do pesquisador.

6. PARA REFLETIR: COMO REAVIVAR AS PRAÇAS PÚBLICAS E IMPEDIR SEU FENECIMENTO?

Para responder tal questão devemos primeiramente compreender que estes espaços, por mais que estejam adotando diferentes usos e com diferentes intensidades em comparação à outras épocas, não estão fadados ao fenecimento, conforme evidenciado por Gomes (2014) e ressaltado no decorrer de nossas discussões teóricas.

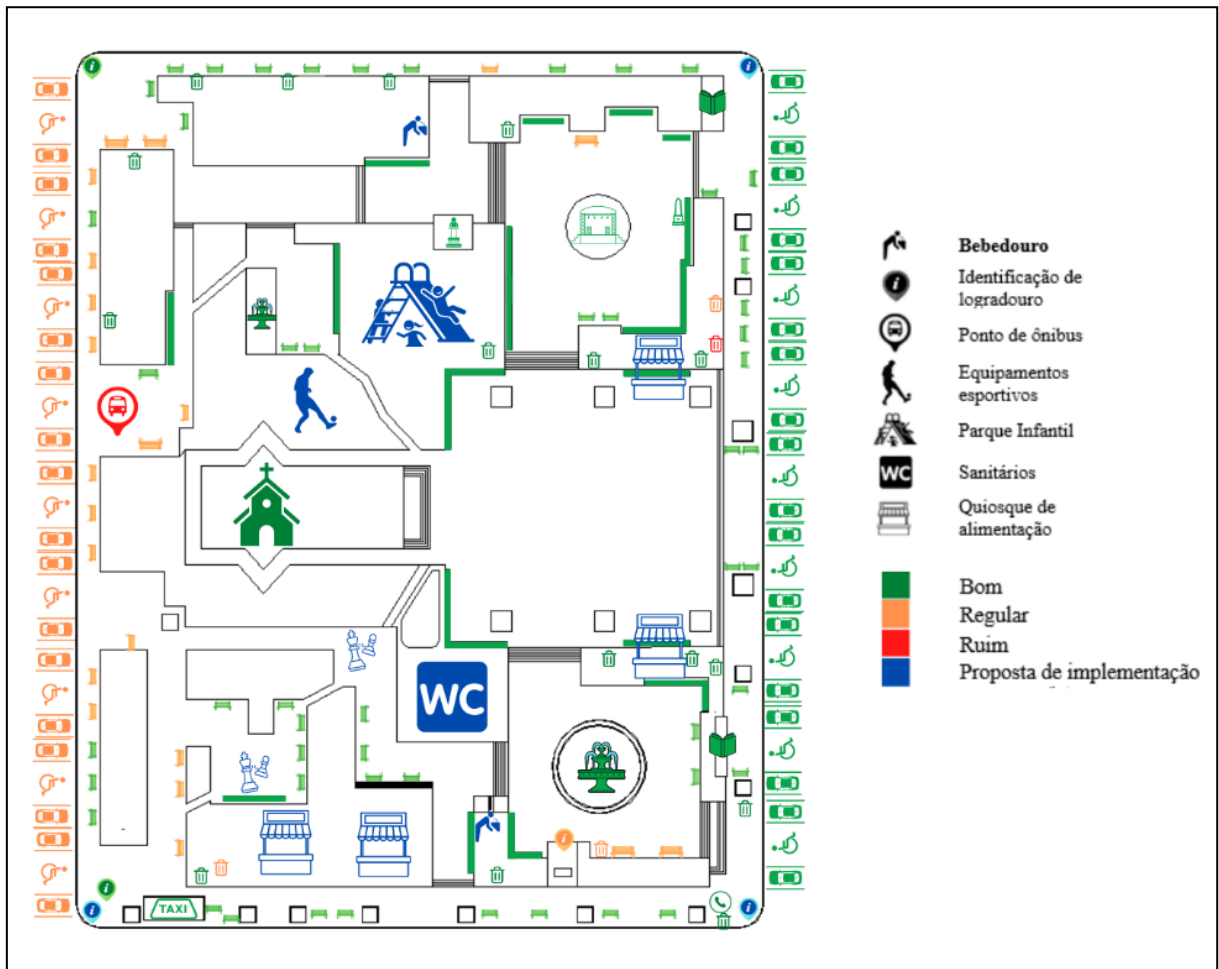
Entretanto devemos recorrer a ações práticas e fazer parte do processo de mudança, evitando com que haja o descaso para com estes lugares que são o *lócus* da vida social, econômica e cultural das nossas cidades. Nesse sentido, buscaremos neste capítulo propor sugestões de melhorias a serem implementadas nas três praças analisadas, de acordo com nossa análise, somada das opiniões dos cidadãos sistematizadas a partir das enquetes.

6.1 PROPOSTAS DE INTERVENÇÃO

Entendemos que um trabalho de cunho científico deve deixar algum tipo de contribuição. Nesse sentido, a partir dessa pesquisa, queremos enfatizar aqui, enquanto síntese, uma proposta de ações que possam vir a ser implementadas pelo poder público, melhorando a estrutura dos espaços públicos, ampliando as possibilidades de usos cotidianos.

Para a Praça Mario Furtado, levantamos uma série de mobiliários passíveis de serem instalados, além de mobiliários a serem reformados para que retomem suas funções ou sirvam de apoio para novos usos, esta proposta de intervenção está ilustrada na Figura 23.

Figura 23 - Proposta de intervenção na Praça Mario Furtado



Elaboração: AMARAL, P. H. M (2022).

Devido as más condições de seus identificadores de logradouro, tanto da própria praça quanto das ruas que a cercam, propomos a reformulação de três destes, à nordeste; à sudeste e à sudoeste, visando o reconhecimento e a valorização da nomenclatura deste espaço que fez parte do desenvolvimento da cidade praticamente desde a sua gênese.

Também propomos a implementação de sanitários nesta praça pública, para que todos possam usufruir melhor do centro da cidade como um todo, levando em consideração que nem todos os estabelecimentos particulares deixam seus clientes utilizarem o banheiro. Dessa forma, estabeleceríamos mais motivos para a permanência na praça e na área central da cidade. Dialogando com a enquete, cujos resultados mostram que uma boa parcela vê a instalação de sanitários como algo agradável e necessário à praça.

Os bebedouros são outras estruturas que carecem de maior atenção, seja para instalação de novos pontos, seja para a reforma dos antigos, que outrora foram utilizados em larga escala,

outro fato evidenciado nas enquetes, onde 34% dos respondentes enxergam o bebedouro como algo benéfico à dinâmica deste espaço.

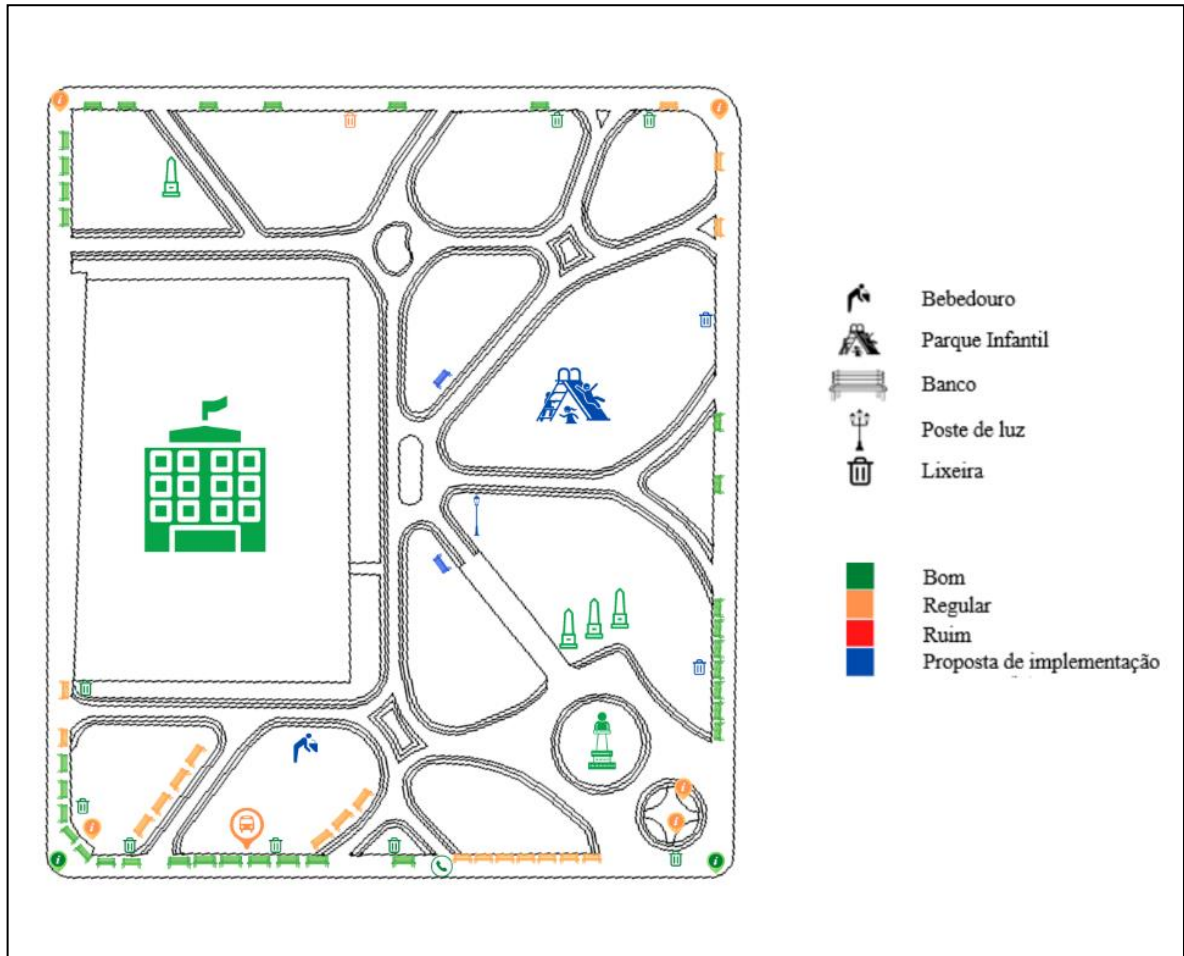
As enquetes apontaram também para a necessidade de quiosques de alimentação nas praças centrais de Orlandia, por isso propomos a criação de, no mínimo, quatro quiosques de alimentação fixos nessas praças. Estes poderiam ser edificações construídas pelo poder público e repassadas para o setor privado por meio de licitações anuais, de modo a aumentar o consumo dentro das praças e promover a vivência pública dos cidadãos nestes espaços.

Além disso, propomos também a criação de um parque infantil, mesmo que de pequena extensão territorial, para que as crianças tenham onde brincar gratuitamente, sem recorrer a alternativas pagas como pula-pulas e infláveis que são instalados esporadicamente na praça. Dessa forma teríamos um espaço mais democrático, onde todas as classes econômicas fariam pleno proveito da praça.

Por fim, ainda para a Praça Mario Furtado, propomos a instalação de equipamentos para prática esportiva de menor extensão territorial como quadra de peteca ou *snackline* e ainda jogos de tabuleiro tendo como foco a população idosa que frequenta assiduamente tal praça.

Já para a Praça Coronel Orlando, são poucas as sugestões mobiliárias a serem feitas (Figura 24). A começar pela instalação de bancos na área interna dessa praça, pois se trata de uma região que durante o dia é bem sombreada, com temperatura agradável e que durante a noite é bem iluminada, mas que ainda assim não conta com pleno proveito dos usuários, servindo mais como atalho de circulação dos pedestres. Também propomos a instalação de um bebedouro nas proximidades do ponto de ônibus, pois este é largamente utilizado pela população que não dispõe de alto poder financeiro para ficar comprando água nos estabelecimentos comerciais do entorno.

Figura 24 - Proposta de intervenção na Praça Coronel Orlando

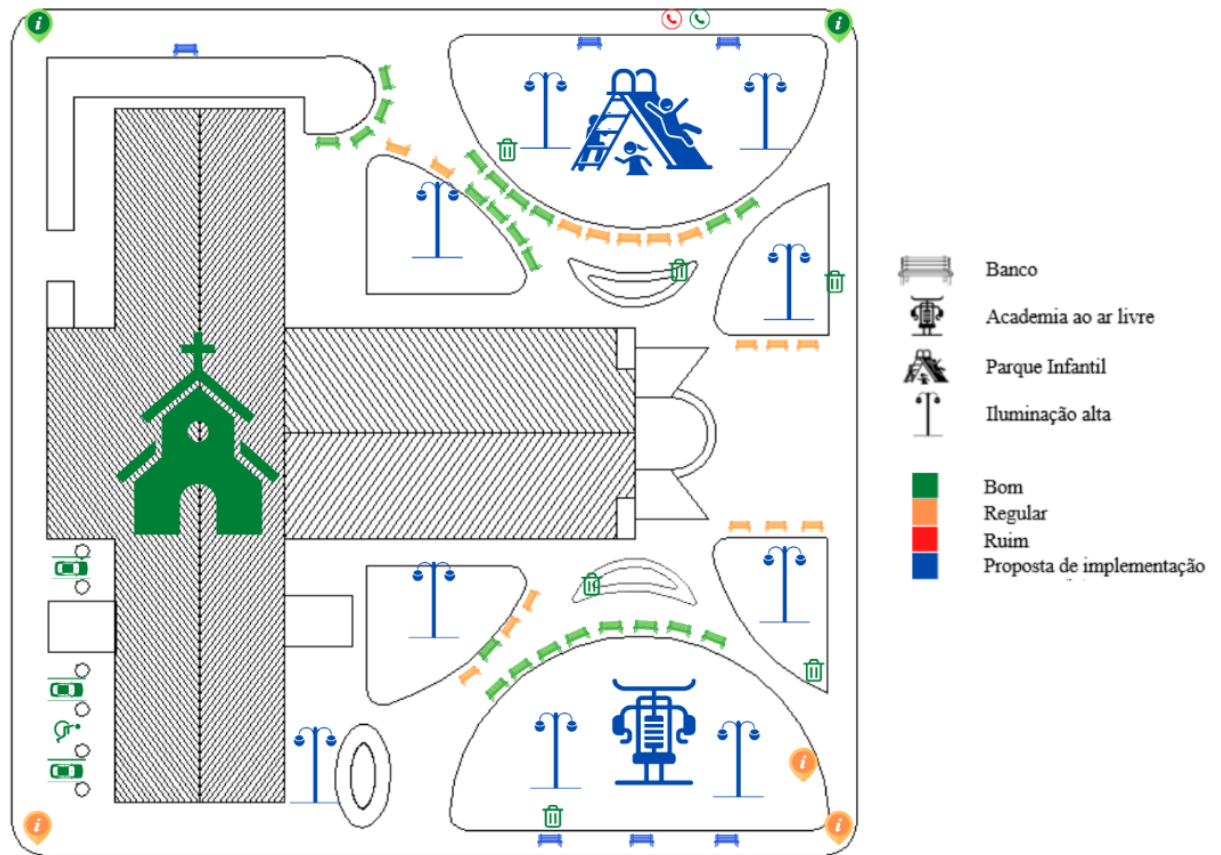


Elaboração: AMARAL, P. H. M (2022).

Além disso, propomos a instalação de um poste de iluminação na área interna, para auxiliar ainda mais o uso significativo dos bancos e a instalação de lixeiras ao longo do perímetro leste da praça, pois ali existe um vazio de lixeiras. Propomos também a instalação de um parque infantil no interior da praça, pois esta oferece uma boa arborização e fica localizada próxima a escolas, podendo ser um atrativo para que essas crianças se familiarizem com as praças públicas e as reconheçam como espaços significativos ao viver na cidade.

Tendo em vista a baixa qualidade luminosa verificada na Praça São José, propomos a reativação ou conserto dos postes já existentes (Figura 25), objetivando acolher melhor a população sobretudo no período noturno, pois acreditamos a falta de iluminação seja um fator decisivo para a baixa frequência da população comum neste local.

Figura 25 - Proposta de intervenção na Praça São José



Elaboração: AMARAL, P. H. M (2022).

Mesmo sabendo a resistência deste espaço à atração de populações não frequentadores do templo religioso, propomos a instalação de uma academia ao ar livre e um parque infantil, pois estes dois mobiliários podem dar “novos ares” para a praça e motivar seus usos, até porque essa praça já está em uma área em que o centro começa a se dissipar e mais residências são encontradas no seu entorno.

Por fim, ressaltamos que para as duas praças menos frequentadas (Coronel Orlando e São José) poderiam ser realizadas atividades de incentivo em datas específicas, como eventos de atividades recreativas em parceria com as escolas, atividades educativas, ou até mesmo quermesses (no caso da praça São José), feiras itinerantes e circuito de eventos culturais e esportivos.

Tais praças apresentam um bom espaço para a realização de tais atividades propulsoras de movimento na cidade, pois além da larga extensão territorial e espaços livres de construção em seu interior, estão bem localizados na urbe e possui equipamentos como iluminação e estacionamento que podem auxiliar na dinâmica de tais usos.

Em geral, os mobiliários urbanos das praças centrais da cidade de Orllândia-SP estão em boas condições de uso, bem conservados e sem tantas “marcas do tempo”. Porém, de acordo com a população e com as observações realizadas empiricamente, nota-se a demanda por quiosques de alimentação, bebedouros, postes de iluminação e, principalmente, aparelhos de lazer.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, a partir de todos os apontamentos teóricos que embasaram essa pesquisa, perpassando pela opinião dos seus usuários e por análises metodológicas de forma, função, estrutura e processo, reafirmamos que os espaços públicos nas áreas centrais das pequenas cidades, sobretudo as praças públicas, são locais que devem ser destinados ao pleno proveito da população, pois desde os primórdios das nossas cidades estes locais eram os principais responsáveis viver social da esfera urbana.

O método proposto por Santos (1985) utilizado nesta pesquisa se mostrou eficaz para nossas análises, pois nos permitiu verificar detalhadamente as interações dos mobiliários com seus diferentes usos, de acordo com o período no qual está inserido e conforme as distintas classes socioeconômicas que se apropriam destes espaços.

Portanto, tais lugares não foram/são utilizados ao acaso, existem motivações para tais usos e estas estão intimamente relacionadas com os mobiliários que estes locais oferecem, ou seja, para que a função da praça seja efetivamente cumprida - seja ela social, estética, ambiental ou religiosa - é necessário que determinadas formas existam. Da mesma forma com que a estrutura organizacional da coletividade esteja empenhada a utilizar estes locais, podendo ou não dar novas funções às formas antigas ou criar funções e, possivelmente, novas formas.

No entanto, este processo de construção e reconstrução dos espaços públicos não deve nos assombrar, pois todos os eles foram modificados ao longo do tempo e, na maioria dos casos, seu resultado é imprevisível, portanto, devemos valorizar as praças públicas centrais nas cidades de pequeno porte como espaços que resistem às novas mudanças da vida pública verificadas nas grandes cidades.

Nas pequenas cidades a vida pública ainda se faz presente e o individualismo – marca da sociedade contemporânea – não reina tão fortemente. Por isso, devemos valorizar os espaços públicos de uso comum, como é o caso das praças centrais orlandinas, pois estes ainda são relevantes no cotidiano urbano, sobretudo no que tange às interações sociais entre os cidadãos.

REFERÊNCIAS

ANGELIS, Bruno Luiz Domingos de; YÁZIGI, Eduardo Abdo. **A Praça no Contexto das Cidades**: o caso de Maringá-PR. 2000.

BENEDET, Michelle Souza et al. **Apropriação de praças públicas centrais em cidades de pequeno porte**. 2008.

BOVO, Marcos Clair. **Áreas verdes urbanas, imagem e uso**: um estudo geográfico sobre a cidade de Maringá-PR. 2009.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidente da República, [2016]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em 08 dez. 2022.

CARLOS, Ana. Fani. Alessandri. **Espaço-tempo na metrópole**. São Paulo: Contexto, 2001.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O Espaço Urbano**. São Paulo. Atica S.A.1989.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. Espaço público, espaços públicos. **GEOgraphia**, v. 20, n. 44, p. 115-119, 2018.

DA SILVA, William Ribeiro. Centro e centralidade: uma discussão conceitual. **Formação (Online)**, v. 1, n. 8, 2001.

DEFFONTAINES, Pierre. Como se constituiu no Brasil a rede das cidades. **Revista Cidades**, v. 1, n. 1, p. 119-146, 2004.

DEPOLLO, Matheus Lima; BOVO, Marcos Clair. A pequena cidade e a praça: diferentes funcionalidades do espaço público. **Brazilian Journal of Development**, v. 6, n. 7, p. 49498-49508, 2020.

FERRARA, Lucrécia D.'Aléssio. **Olhar periférico**. São Paulo: Edusp, p. 153, 1993.

FERRARI, Celson. **Dicionário de Urbanismo**. São Paulo: Disal, 2004.

GEHL, Jan. e GEMZOE, Lars. **Novos espaços urbanos**. Barcelona: Gustavo Gili, 2002.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. **A condição urbana**: ensaios de geografia da cidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

JUNQUEIRA, João Francisco Franco. **ORLÂNDIA DE ANTIGAMENTE**: Uma memória fotográfica. [S. l.: s. n.], 1999. 121 p.

LOBODA, Carlos Roberto. **Práticas socioespaciais e espaços públicos em Guarapuava-PR**. 2008.

NUCCI, João Carlos. **Qualidade ambiental e adensamento urbano**. São Paulo: Humanistas/FFLCH-USP, 2001.

PANERAI, Phillipe. **Análise Urbana**. Tradução Francisco Leitão. Revisão técnica Sylvia Ficher. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2006. (Coleção Arquitetura e Urbanismo). 198 p.

RÉ, Tatiane Monteiro; HAHN, Fábio André; BOVO, Marcos Clair. A praça como objeto de estudo de uma pequena cidade. **Fronteiras: Revista de História**, v. 18, n. 31, p. 431-456, 2016.

RIBEIRO, Zenilda Lopes. Praças e Lazer: Dinâmica de uso e apropriação de espaços públicos em Sorriso-MT. **Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Ciências Humanas e Sociais**, 2008.

ROBBA, Fabio; MACEDO, Silvio Soares. **Praças brasileiras**: Public squares in Brazil. 3. ed. São Paulo: EDUSP, 2010. 311 p. ISBN 8531406560.

SANTOS, Milton. **Espaço e método**. São Paulo: Nobel, 1985.

SERPA, Angelo. **O espaço público na cidade contemporânea**. Editora Contexto, 2007.

RÉ, Tatiane Monteiro; HAHN, Fábio André; BOVO, Marcos Clair. A praça como objeto de estudo de uma pequena cidade. **Fronteiras: Revista de História**, v. 18, n. 31, p. 431-456, 2016.

VILLAÇA, Flávio. **Espaço intra-urbano no Brasil**. São Paulo: Studio Nobel, 2001.

APÊNDICE I

ENQUETE DE OPINIÃO	
1. Idade	
<input type="checkbox"/> 19 a 25 anos <input type="checkbox"/> 26 a 32 anos <input type="checkbox"/> 33 a 39 anos <input type="checkbox"/> 40 a 50 anos <input type="checkbox"/> 51 a 60 anos <input type="checkbox"/> 60 anos ou mais	
2. Qual seu sexo?	
<input type="checkbox"/> Feminino <input type="checkbox"/> Masculino <input type="checkbox"/> Outro <input type="checkbox"/> Prefiro não responder	
3. Sobre cor ou raça, você se considera (segundo o IBGE):	
<input type="checkbox"/> Preta <input type="checkbox"/> Branca <input type="checkbox"/> Parda <input type="checkbox"/> Amarela <input type="checkbox"/> Indígena <input type="checkbox"/> Prefiro não responder	
4. Bairro em que mora	
5. Qual é a sua escolaridade?	
<input type="checkbox"/> De 1ª a 4ª série do ensino fundamental (antigo primário) <input type="checkbox"/> De 5ª a 8ª série do ensino fundamental (antigo ginásio) <input type="checkbox"/> Ensino médio (antigo 2º grau) <input type="checkbox"/> Ensino superior - graduação <input type="checkbox"/> Ensino superior - pós-graduação <input type="checkbox"/> Não estudou <input type="checkbox"/> Prefiro não responder	
6. Você frequenta alguma praça central?	
<input type="checkbox"/> Sim – Qual ou Quais?	

Não - Por quê?

**CASO A RESPOSTA ANTERIOR SEJA NEGATIVA, PASSE DIRETAMENTE
PARA A DE Nº14**

7. Qual a frequência de uso?

1 vez na semana 2 vezes na semana 3 vezes ou mais na semana

8. Em qual ou quais dias da semana você costuma frequentar as praças?

Sábado Domingo Dias da semana Feriados

9. Em qual período geralmente você costuma frequentar a praça?

Manhã Tarde Noite

10. Geralmente, qual é seu tempo de permanência na praça?

1h ou menos 1 a 2 horas 2 a 4 horas mais de 4 horas

11. Qual espaço que mais utiliza na praça? E por quê?

12. Quais são os principais motivos que o levam a frequentar uma praça ou parque?

Conversar Caminhar Descansar Contemplação Prática de esportes
Levar crianças Leitura Atividades religiosas Consumo Apenas deslocamento
Esperar ônibus
 Outros: _____

13. Em relação às estruturas, qual dessas mais lhe agradam na praça? (Até três opções)

Bancos | Iluminação | Lixeiras | Sanitários | Telefone Público
 Bebedouro | Ponto d'água | Pavimentação | Palco e coreto
Espelho d'água ou fonte | Templo religioso | Obra de arte | Estacionamento |
Ponto de Ônibus | Ponto de táxi | Quadra esportiva
Aparelho de exercícios físicos | Equipamentos para usuários da terceira idade
Parque infantil | Quiosque de alimentação | Identificação do logradouro
Edificação institucional | Segurança | Banca de revista
Outros: _____

14. O que você mais gosta e o que você menos gosta na praça?

15. Em sua visão, quais estruturas poderiam ser construídas ou melhoradas nessa praça?

- Bancos | Iluminação | Lixeiras | Sanitários | Telefone Público
- Bebedouro | Ponto d'água | Pavimentação | Palco e coreto
- Espelho d'água ou fonte | Templo religioso | Obra de arte | Estacionamento |
- Ponto de Ônibus | Ponto de táxi | Quadra esportiva
- Aparelho de exercícios físicos | Equipamentos para usuários da terceira idade
- Parque infantil | Quiosque de alimentação | Identificação do logradouro
- Edificação institucional | Segurança | Banca de revista
- Outros: _____